

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL**

SILVANIA MARIA DA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO DA SOCIEDADE DA CIDADE DO
RECIFE PELAS PÁGINAS DA REVISTA *A PILHERIA* NOS ANOS DE 1920**

RECIFE – PE

2019

SILVANIA MARIA DA SILVA

A REPRESENTAÇÃO DA SOCIEDADE DA CIDADE DO
RECIFE PELAS PÁGINAS DA REVISTA A *PILHERIA* NOS ANOS DE 1920

Relatório técnico para apresentação de produto à banca do Mestrado Profissional em História, da Universidade Católica de Pernambuco–Unicap, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador(a): Prof. Dr. Juliano Mendonça Domingues da Silva.

Coorientador(a): Prof. Dr. Flavio José Gomes Cabral.

S586r Silva, Silvania Maria da.
A representação da sociedade da cidade do Recife pelas
páginas da revista A Pilheria nos anos de 1920 / Silvania Maria
da Silva, 2019.
92 f.: il.

Orientador: Juliano Mendonça Domingues da Silva.
Coorientador: Flávio José Gomes Cabral.
Relatório técnico (Mestrado) - Universidade Católica de
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em História. Mestrado
Profissional em História, 2019.

1. Recife - História. 2. Fundação Joaquim Nabuco - Exposições.
3. Capas de revistas - Recife. I. Título.

CDU 981.341

Pollyanna Alves - CRB4/1002

FOLHA DE APROVAÇÃO

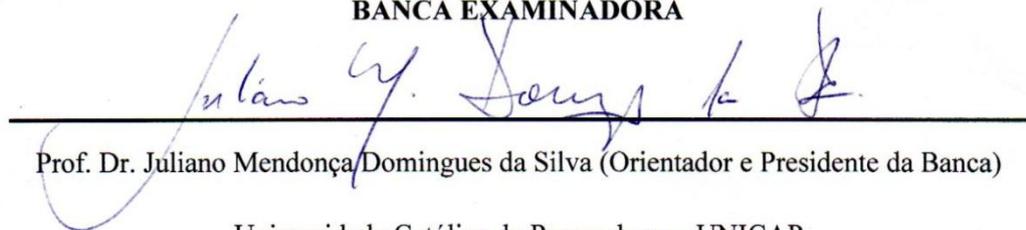
SILVANIA MARIA DA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO DA SOCIEDADE DA CIDADE DO RECIFE PELAS
PÁGINAS DA REVISTA A PILHERIA NOS ANOS DE 1920**

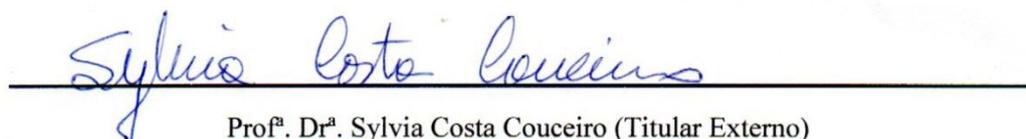
Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História –
Mestrado Profissional da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial
para a obtenção do título de mestre em História.

Data de Aprovação - 06/ 12 / 2019

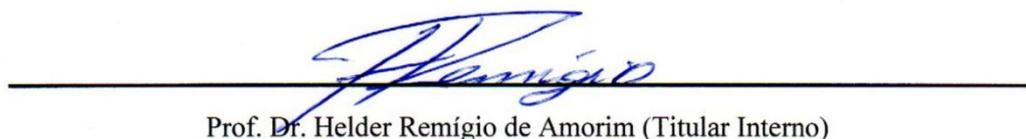
BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Juliano Mendonça Domingues da Silva (Orientador e Presidente da Banca)

Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP


Prof. Dr. Sylvia Costa Couceiro (Titular Externo)

Fundação Joaquim Nabuco-MEC


Prof. Dr. Helder Remígio de Amorim (Titular Interno)

Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

**RECIFE
2019**

Dedico este trabalho a Deus.

Homenageamos nesta pesquisa, ao Professor Dr. Luís Manoel Domingues do Nascimento, *in memoriam*, por sua passagem no nosso curso e pela contribuição historiográfica prestada ao nosso país.

Toda imagem conta uma história.
(Peter Burke, 2017)

AGRADECIMENTOS

Este estudo não teria sido realizado na proporção que foi, caso não tivesse havido o apoio, a parceria, a contribuição e a disponibilidade das pessoas e instituições que seguem abaixo, mesmo sendo uma pesquisa realizada com as falas dos autores e fontes.

Ao coordenador do curso, professor Dr. Tiago Cesar, pelo acolhimento e atenção dada incondicionalmente, confiança e incentivo durante todo o percurso.

Ao meu orientador, professor Dr. Juliano Domingues; e ao meu co-orientador, professor Dr. Flávio Cabral, por sempre estarem disponíveis, pelo aporte e pela orientação.

A todos os meus mestres, pela dedicação e aprendizado.

Agradeço ao professor Dr. Antonio Paulo Rezende, por aceitar o convite para compor a banca de qualificação.

Ao professor Dr. Juliano Mendonça Domingues da Silva, à professora Dr^a. Sylvia Costa Couceiro e ao professor Dr. Helder Remígio, por participarem da banca avaliadora.

Ao professor Dr. Breno José Andrade de Carvalho, da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), pelo suporte e os esclarecimentos preciosos.

Ao professor Sérgio Barza, do Conservatório Pernambucano de Música (CPM), pelas explicações.

A Flávio Amaral, que me apresentou à revista *A Pilheria*.

Ao meu companheiro Paulo, por acreditar sempre que tudo daria certo, por estar ao meu lado, pelo incentivo, paciência e ombro durante toda jornada.

Aos meus pais, Ivanisa (MeLinda) e Gilvan, a minha eterna gratidão.

Ao meu irmão Sandro e a minha cunhada Amanda, pela ajuda valiosa.

Às minhas tias: Cacá, Tetê e Socorro, pelo amparo pleno dado em toda trajetória do meu estudo.

Às cuidadoras da minha mãe: Leda, Ana, Au e Paula, pelo cuidado e zelo que foi atribuído a ela na minha ausência.

À pesquisadora e professora Dr^a. Maria Cristina Guimarães, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), pelo carinho e aconselhamento.

Ao pesquisador Leonardo Dantas, por estar sempre disponível quando o busquei.

Aos meus colegas de turma, pelo conhecimento proporcionado e por dividir comigo situações maravilhosas, em especial Gertrudes, pelo empréstimo dos livros, pelas articulações nas bibliotecas, pelas dicas, pelas conversas e pelas gargalhadas nos momentos de angústia.

Aos meus ex-alunos da Faculdade Joaquim Nabuco (FJN), da Escola Superior de Marketing/Fama e da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE/Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia – UAEADTec, por serem as minhas fontes de inspiração.

A Josi, por ter colocado no decurso do desenvolvimento da pesquisa um anjo chamado Hélder.

À Associação Pernambucana de Cegos (Apec) pela abertura do espaço e a atenção dada.

Aos bibliotecários e aos arquivistas das instituições envolvidas, pelo atendimento que foi prestado com eficiência, simpatia e apreço, proporcionando as informações solicitadas.

A Marcos Medeiros, por me mostrar além da linha do horizonte.

Aos meus colegas da Pós-Graduação em Ciência da Informação, da turma 2016, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), pela torcida.

À minha amiga Nita pelo acolho.

A Frank e J. Ricardo, pelos livros emprestados.

Fica a minha imensa gratidão a todas as pessoas que contribuíram diretamente e indiretamente para a construção não apenas deste trabalho, mas sim, para realização de um sonho, meu muito obrigada.

RESUMO

Nosso trabalho trata de um produto — inferência de uma pesquisa — este tem o caráter social. O fabrico é um aplicativo (App) desenvolvido, denominado *MeLinda*, o qual proporciona participar de uma exposição no ambiente virtual 3D. A mostra é intitulada *A Pilheria: em suas capas, páginas, traços e fotos*, que possibilita o público interagir. Nessa, são apresentadas capas da revista *A Pilheria*, um semanário, através delas podemos acessar, para visualizar e também extrair via *download*, o conteúdo editorial dos respectivos exemplares, custodiados no acervo digital *on-line* da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj)¹, localizada no Recife, Pernambuco. O cabedal supracitado é viabilizado por intermédio de uma página do site² da instituição. Tomamos as imagens registradas nas capas d'*A Pilheria*, um *corpus* composto por 48 capas, como objeto de pesquisa. Nossa criação é uma produção técnica, que tem como objetivo principal resgatar a memória coletiva da cidade do Recife, por meio das imagens publicadas nas capas d'*A Pilheria*, do *corpus* coletado, mediante um contexto informacional para construção, preservação e disseminação através do uso social da informação. No processo de desenvolvimento do estudo, utilizamos o método de pesquisa bibliográfica. O magazine foi editado e publicado na cidade do Recife, nosso recorte espacial, e circulou entre os anos de 1921 a 1932. Temos como recorte temporal os anos de 1920.

Palavras-chave: *A Pilheria*, imagens, capa, Recife dos anos de 1920, exposição 3D, Fundaj.

ABSTRACT

Our work deals with a product — inference from research — which has a social character. The manufacturing process is an application (App) developed, called MeLinda, which allows you to participate in an exhibition in a 3D virtual environment. The exhibition is titled *A Pilheria*: in its covers, pages, lines and photos, which allows the public to interact. In this, the covers of the magazine *A Pilheria*, a weekly magazine, are presented, through which we can access, to view and also extract via download, the editorial content of the respective copies, held in the online digital collection of the Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj)¹, located in Recife, Pernambuco. The aforementioned resources are made available through a page on the institution's website². We took the images recorded on the covers of *A Pilheria*, a corpus made up of 48 covers, as the research object. Our creation is a technical production, whose main objective is to rescue the collective memory of the city of Recife, through the images published on the covers of *A Pilheria*, from the collected corpus, through an informational context for construction, preservation and dissemination through the use social information. In the process of developing the study, we used the bibliographic research method. The magazine was edited and published in the city of Recife, our spatial area, and circulated between the years 1921 and 1932. We have the 1920s as a time frame.

Keywords: *A Pilheria*, images, cover, Recife in the 1920s, 3D exhibition, Fundaj.

Lista de Figuras

Figura 1 – Planta do espaço virtual de arte em 3D, que abriga a exposição <i>A Pilheria: em suas capas, páginas, traços e fotos</i> .	36
Figura 2 – Recepção do espaço virtual de arte em 3D, da mostra <i>A Pilheria: em suas capas, páginas, traços e fotos</i> .	37
Figura 3 – Sala 1, leva o nome de <i>Arquitetura</i> .	37
Figura 4 – Sala 2, traz a denominação de <i>Traços</i> .	37
Figura 5 – Corredor de acesso da sala 2, <i>Traços</i> , para a sala 3, cujo nome é o mesmo da sala que a antecede (prosseguimento da categoria abordada na sala 2).	38
Figura 6 – Sala 3, também denominada <i>Traços</i> , continuação da sala 2.	38
Figura 7 – Sala 4, intitulada <i>Retratos</i> .	38
Figura 8 – Capa d' <i>A Pilheria</i> , nº 093, 07 de julho de 1923.	42
Figura 9 – Capa d' <i>A Pilheria</i> , nº 164, 15 de novembro de 1924.	42
Figura 10 – Capa d' <i>A Pilheria</i> , nº 086, 19 de maio de 1923.	43
Figura 11 – Capa d' <i>A Pilheria</i> , nº 088, 02 de junho de 1923.	43
Figura 12 – Capa d' <i>A Pilheria</i> , nº 222, 24 de dezembro de 1925.	43
Figura 13 – Capa d' <i>A Pilheria</i> , nº 230, 20 de fevereiro de 1926.	43
Figura 14 – Capa d' <i>A Pilheria</i> , nº 274, 25 de dezembro de 1926.	44
Figura 15 – Capa d' <i>A Pilheria</i> , nº 275, 01 de janeiro de 1927.	44
Figura 16 – Capa d' <i>A Pilheria</i> , nº 283, 26 de fevereiro de 1927.	44
Figura 17 – Capa d' <i>A Pilheria</i> , nº 400, 22 de junho de 1929.	44
Figura 18 – Capa d' <i>A Pilheria</i> , nº 236, 03 de abril de 1926.	45
Figura 19 – Capa d' <i>A Pilheria</i> , nº 244, 29 de maio de 1926.	45
Figura 20 – Capa d' <i>A Pilheria</i> , nº 247, 19 de junho de 1926.	46
Figura 21 – Capa d' <i>A Pilheria</i> , nº 265, 23 de outubro de 1926.	47
Figura 22 – Capa d' <i>A Pilheria</i> , nº 269, 20 de novembro de 1926.	47
Figura 23 – Capa d' <i>A Pilheria</i> , nº 289, 09 de abril de 1927.	47

Figura 24 – Capa d’A <i>Pilheria</i> , nº 213, 24 de outubro de 1925.	49
Figura 25 – Capa d’A <i>Pilheria</i> , nº 219, 05 de dezembro de 1925.	49
Figura 26 – Capa d’A <i>Pilheria</i> , nº 245, 05 de junho de 1926.	49
Figura 27 – Capa d’A <i>Pilheria</i> , nº 257, 28 de agosto de 1926.	49
Figura 28 – Capa d’A <i>Pilheria</i> , nº 209, 26 de setembro de 1925.	50
Figura 29 – Capa d’A <i>Pilheria</i> , nº 227, 30 de janeiro de 1926.	50
Figura 30 – Capa d’A <i>Pilheria</i> , nº 237, 10 de abril de 1926.	51
Figura 31 – Capa d’A <i>Pilheria</i> , nº 258, 04 de setembro de 1926.	52
Figura 32 – Capa d’A <i>Pilheria</i> , nº 292, 30 de abril de 1927.	52
Figura 33 – Capa d’A <i>Pilheria</i> , nº 256, 21 de agosto de 1926.	53
Figura 34 – Capa d’A <i>Pilheria</i> , nº 262, 02 de outubro de 1926.	53
Figura 35 – Capa d’A <i>Pilheria</i> , nº 301, 02 de julho de 1927.	53
Figura 36 – Capa d’A <i>Pilheria</i> , nº 267, 06 de novembro de 1926.	54
Figura 37 – Capa d’A <i>Pilheria</i> , nº 272, 11 de dezembro de 1926.	54
Figura 38 – Capa d’A <i>Pilheria</i> , nº 278, 22 de janeiro de 1927.	55
Figura 39 – Capa d’A <i>Pilheria</i> , nº 089, 09 de junho de 1923.	56
Figura 40 – Capa d’A <i>Pilheria</i> , nº 095, 21 de julho de 1923.	56
Figura 41 – Capa d’A <i>Pilheria</i> , nº 098, 11 de agosto de 1923.	56
Figura 42 – Capa d’A <i>Pilheria</i> , nº 194, 13 de junho de 1925.	57
Figura 43 – Capa d’A <i>Pilheria</i> , nº 202, 08 de agosto de 1925.	58
Figura 44 – Capa d’A <i>Pilheria</i> , nº 204, 22 de agosto de 1925.	58
Figura 45 – Capa d’A <i>Pilheria</i> , nº 335, 25 de fevereiro de 1928.	58
Figura 46 – Capa d’A <i>Pilheria</i> , nº 102, 08 de setembro de 1923.	59
Figura 47 – Capa d’A <i>Pilheria</i> , nº 103, 15 de setembro de 1923.	59

Figura 48 – Capa d’A <i>Pilheria</i> , nº 187, 25 de abril de 1925.	60
Figura 49 – Capa d’A <i>Pilheria</i> , nº 299, 18 de junho de 1927.	60
Figura 50 – Capa d’A <i>Pilheria</i> , nº 159, 11 de outubro de 1924.	60
Figura 51 – Capa d’A <i>Pilheria</i> , nº 178, 21 de fevereiro de 1925.	61
Figura 52 – Capa d’A <i>Pilheria</i> , nº 184, 04 de abril de 1925.	62
Figura 53 – Capa d’A <i>Pilheria</i> , nº 189, 09 de maio de 1925.	62
Figura 54 – Capa d’A <i>Pilheria</i> , nº 190, 16 de maio de 1925.	62
Figura 55 – Capa d’A <i>Pilheria</i> , nº 440, 05 de julho de 1930.	62

Lista de Ilustração

Ilustração 1 – Casal do cabeçalho de uma das páginas da revista <i>A Pilheria</i> .	41
---	----

Lista de Siglas e Abreviatura

2D – Espaço bidimensional

3D – Espaço tridimensional

Apec – Associação Pernambucana de Cegos

APEJE – Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano

App – *Application* (Aplicativo)

BNDigital – Biblioteca Nacional Digital

CA/UFPel – Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas

CAC/UFPE – Biblioteca Joaquim Cardozo – Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco

CCSP – Centro Cultural São Paulo

CD – Compact Disc (Disco Compacto)

CFCH/UFPE – Biblioteca do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco

CPM – Conservatório Pernambucano de Música

DVD – Digital Versatile Disc (Disco Digital Versátil)

FNB – Fundação Biblioteca Nacional

Fundaj – Fundação Joaquim Nabuco

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFM/UFPEl – Instituto de Física e Matemática da Universidade Federal de Pelotas

IRD – Instituto Ricardo Brennand

LEC – Laboratório de Estudos Contemporâneos

MAB – Museu da Abolição

MALG – Museu de Artes Leopoldo Gotuzzo

MCR – Museu da Cidade do Recife

MEC – Ministério da Educação

MEPE – Museu do Estado de Pernambuco

MON – Museu Oscar Niemeyer

Muhne – Museu do Homem do Nordeste

PCERP – Pesquisa das Características Étnico-Raciais da População: um Estudo das Categorias de Classificação de Cor ou Raça)

PDF – Portable Document Format (Formato de Documento Portátil)

PPGA/UFPE – Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco

RV – Realidade Virtual

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UFPEl – Universidade Federal de Pelotas

Unicap – Universidade Católica de Pernambuco

V-Grad – Virtualidade aplicada à educação e Geração de ambientes interativos e colaborativos 3D para a formação em Arquitetura e Design

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	17
2. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA	26
3. DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO	32
4. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO	33
4.1. Ambiente virtual tridimensional da exposição <i>A Pilheria: em suas capas, páginas, traços e fotos</i>	36
4.2. Desdobramento do produto	39
4.3. Recintos da exposição <i>A Pilheria: em suas capas, páginas, traços e fotos</i> , virtual 3D, e as respectivas imagens	40
5. APLICAÇÃO DO PRODUTO	63
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
7. LISTAGEM DOS ACERVOS, BIBLIOTECAS, MUSEUS E FONTES	66
8. NOTAS	67
9. BIBLIOGRAFIA	71
ANEXO	75
APÊNDICE A – TEXTO DE ABERTURA DA EXPOSIÇÃO	84
APÊNDICE B – FICHA TÉCNICA DA EXPOSIÇÃO	86
APÊNDICE C – NOME DA REVISTA <i>A PILHERIA</i>	88
APÊNDICE D – CITAÇÃO INDIRETA DE ANTÔNIO PAULO REZENDE	89
APÊNDICE E – CITAÇÃO DIRETA DE ANA LUIZA MARTINS	90
APÊNDICE F – TEXTO DA SALA 2, TRAÇOS	91
APÊNDICE G – TEXTO DA SALA 4, RETRATOS	92
APÊNDICE H – ANUNCIADO DO ACESSO AO REPOSITÓRIO DA <i>A PILHERIA</i>	93

1. INTRODUÇÃO

Eu continuo acreditando que os historiadores devem sempre utilizar imagens junto a outros tipos de evidência, e que precisam desenvolver métodos de ‘crítica das fontes’ para imagens exatamente como o fizeram para os textos, interrogando essas ‘testemunhas oculares’ da mesma forma que os advogados interrogam as testemunhas durante um julgamento.

(Peter Burke, 2017)

I

Existe uma gama de imagens, nos acervos públicos, pouca explorada. Quanto a essa questão ressaltamos que, no que concerne às imagens de Pernambuco como um todo — e do Recife em particular — no primeiro quartel do século XX, são pouco estudadas as suas potencialidades enquanto suporte e fornecedoras de informações para a contribuição do resgate da memória coletiva da capital pernambucana. Em muitos casos, esses documentos estão acessíveis, mas nem sempre disponibilizados adequadamente de forma a permitir sua busca e a recuperação de modo organizado, identificável ou minimamente categorizado. Essa realidade é ainda mais evidente quando se considera em relação aos poucos acervos digitalizados e acessíveis *on-line*.

Diante desse fato, consideramos de interesse memorial, para o estado de Pernambuco e sua capital Recife, o estudo dessas imagens dispersas em um *corpus* restrito e bem identificado. Peter Burke (2017, p. 28) ao se referir sobre produção imagética enfatiza: “Independentemente de sua qualidade estética, qualquer imagem pode servir como evidência histórica”.

Visando aprofundar a nossa pesquisa, justificamos a realização desta investigação tendo como fonte de informação a revista *A Pilheria*, um semanário. A escolha dos exemplares para trabalhar a construção do produto foi realizada através da seleção das imagens publicadas nas capas, do referido magazine, em que foram categorizadas e classificadas a partir de eixos temáticos nelas identificados e diagnosticados. Uma vez as classificações definidas, as imagens ainda passaram por uma edição para compor a mostra. Cabe salientar que, o produto não foi construído com todas as categorias e classificações levantadas. O resultado do processo das etapas da triagem é o nosso *corpus* restrito, esse composto por 48 capas. Ressalvamos que, as imagens veiculadas nas capas d’*A Pilheria*, do *corpus* coletado, tratam-se do nosso objeto de pesquisa.

A face de uma revista traz informações em sua composição, tanto no âmbito da linguagem visual quanto no da linguagem verbal, pois, contribuem para promover reflexões, levantar e responder questões para elucidar e fomentar uma pesquisa. Com relação aos gêneros capa de revista e revista, Fernando Montero Rodríguez, autor do livro *Marketing de periódicos y revistas*, é citado por Geraldo Abud Rossi, em sua Dissertação de Mestrado, na qual este destaca que:

A revista pode ser dividida quanto à sua estrutura básica em capa e miolo. A capa de uma publicação tem a mesma função que as vitrines nas lojas comerciais. Nela se mostram uma pequena parte dos artigos que o leitor vai encontrar em seu interior. Elas trazem os conteúdos de maior relevância, e tem a função de diferenciar-se dos concorrentes. As capas são de grande importância na venda das revistas, sobretudo para aquelas que dependem da compra por impulso. (RODRÍGUEZ (2005) apud ROSSI, 2008, p. 24)

Trabalhamos no nosso estudo com as capas da revista *A Pilheria* e seus respectivos exemplares, do *corpus* coletado, onde recorremos ao acervo digital *on-line*, acessível através de uma página, *Publicações digitalizadas*³, no *website* da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), situada em Recife, Pernambuco, e que, aquela propicia a entrada para uma nova página, a do repositório d'*A Pilheria*, no qual, nela é apresentado o acesso a 180 documentos, periódicos, abrigados no repositório da revista em tela, do acervo supracitado. Entretanto, identificamos 181 documentos⁴, custodiados, no qual estão digitalizados e disponibilizados em formato PDF. Vale ressaltar que, o cabedal em questão, propicia outros repositórios. A coleção da revista *A Pilheria*, salvaguardada no acervo mencionado acima, abrange o período de 1923 a 1930. O magazine transitava pela cidade do Recife, recorte espacial da nossa pesquisa, entre os anos de 1921 a 1932.

Ressaltamos que, construímos o nosso produto com as capas da revista *A Pilheria*, este composto pelo *corpus* selecionado, das edições circuladas na década de 1920, nosso recorte temporal. Todas as capas d'*A Pilheria*, que compõem a coleção custodiada pelo acervo digital *on-line* da Fundaj, foram formadas por mais elementos visuais e pouco verbais. Os magazines acima citados, salvaguardados no cabedal supramencionado, são apresentados digitalizados nas cores preta e branca. Vale salientar que, as capas das revistas *A Pilheria*, do *corpus* escolhido, que compõem o produto, fazem parte do acervo físico tutelado pela Fundaj, com guarda na Biblioteca Central Blanche Knopf, da citada instituição. O motivo de ter utilizado as capas do periódico em questão, do referido acervo, após a seleção, deu-se pelo fato de a coleção d'*A Pilheria*, tutelada por esta, apresentar nos impressos físicos as cores originais naquelas aplicadas. Mediante esse fato, resolvemos trabalhar com o registro dessas capas

apenas para compor a exposição. Porém, no mais, no percurso de todo estudo, os exames das capas e a pesquisa com os seus respectivos periódicos foram realizados com as revistas custodiadas do acervo digital *on-line* mencionado.

De acordo com o jornalista Luiz do Nascimento (1982, p. 120–121), em seu livro *História da imprensa de Pernambuco: 1821–1954*, a revista *A Pilheria* teve o primeiro exemplar publicado em 3 de setembro de 1921, com o cabeçalho intitulado *Semanário de Mil e Sem por 200 réis*, no qual faz uma alusão aos pseudônimos dos diretores: Severino Alves Barbosa, o qual assinava como Mil, e Armando Oliveira, que creditava como Sem, ambos humoristas. O magazine foi lançado com uma capa em papel de cor. Ressaltamos que, o valor do periódico citado acima, convertido de réis para real, corresponde a R\$ 4,00⁵.

A revista *A Pilheria*, com suas variadas seções, publicou 460 edições de exemplares no mercado editorial. O magazine contava para sua produção com um quadro de profissionais composto por redatores e por colaboradores de diversas áreas. (*A Pilheria* (1926 [ano 8, nº 306, p. 13]). Frisamos que, uns assinavam as suas produções com o nome próprio e outros com o pseudônimo. Cabe salientar que, algumas de suas seções foram extintas no percurso do seu tempo de publicação, e outras criadas. A direção da revista sofreu modificações de substituições no decorrer da sua existência. A identidade visual do magazine era variável, visto que se tratava de um periódico humorístico.

Ressaltamos que, o magazine em questão, em toda sua trajetória editorial não registrou em suas páginas numeração. Diante desse quadro, decidimos, como referencial, enumerar as páginas para a contagem — iniciando da capa à última página do periódico — já que as revistas estão no formato de PDF, do acervo digital *on-line* da Fundaj. A numeração que determinamos para as respectivas páginas dos periódicos refere-se à sequência em que foram organizadas, digitalizadas e disponibilizadas para a pesquisa. No entanto, mesmo tendo identificado a existência de exemplares, em pequena quantidade, que apresentam algumas capas e páginas fora da sequência do contexto de ordem, optamos tratar o caso com uma numeração crescente sequencial ininterrupta — da mesma forma que foi aplicada para todos os exemplares que se encontram com as suas páginas na ordem sequencial correta. Cabe ressaltar que, a revista foi lançada com 16 páginas, disponibilizando sua última edição com um exemplar contendo 40 páginas.

A revista *A Pilheria* teve os seus exemplares impressos na tipografia do *Jornal do Recife*⁶, desde o seu lançamento até 26 de janeiro de 1929. O periódico posterior a esta data foi produzido em tipografia própria do magazine, aquele lançando em 2 de março, edição de

nº 384. A primeira concepção do semanário deu-se no formato 28 x 21. Entretanto, a partir de 12 de junho de 1926, o formato do magazine sofreu uma redução, sendo publicado nas dimensões 26 x 18 sem mais modificação em seu período de existência. Essa fase se inicia com o periódico de nº 246. A revista, no decorrer da sua trajetória, passou por alterações, sem mudar a essência, foi veiculada com as páginas do texto em cores. Cabe ressaltar que, existiu variação na quantidade de páginas para compor as edições dos exemplares, durante seus anos de circulação, bem como, no desenvolvimento do periódico às ilustrações publicadas nas capas passaram a ser constituídas em cores. Vale frisar que, por sua vez, o magazine incluía imagem fotográfica nas edições. *A Pilheria* chegou a ser considerada a revista mais antiga do Norte do Brasil. O periódico encerra o ciclo editorial colocando na rua o seu último exemplar de nº 460, em 19 de março de 1932, consequência de uma crise que começa a sinalizar em 1930, onde suas edições passaram a ser quinzenal; e potencializou-se em 1931, quando estas foram publicadas e circuladas sem critério de prazo cronológico, além de apresentar números de páginas sucintas. Também, nessa fase, foi adotado um material tipográfico fora do padrão usado em confecções anteriores, considerado deficiente, na produção dos fascículos. (NASCIMENTO, 1982, p. 120–130).

O semanário em tela abordava assuntos como: literatura, desportos, artes, vida social, política, crônicas, modas femininas, historietas para crianças, cultura, entre outros, além de promover vários tipos de concursos. Trazia em suas páginas ilustrações. Continha na publicação caricaturas e charges políticas. Ademais incluía reportagem fotográfica, instantâneos⁷ e, algumas vezes, fotogravuras nas edições, também se encontravam no magazine palavras cruzadas, charadas, piadas. De acordo com Cândido de Figueiredo ([1922?], p. 427), no *Novo dicionário da língua portuguesa*, a palavra pilhéria, denominação da revista, é sinônimo de “Chiste; facécia.”, e pode ser definida como: “Qualidade de quem é espirituoso.”. Ainda em relação ao nome dado ao periódico, Hugo Augusto Vasconcelos Medeiros (2010, p. 72–73) comenta em sua Dissertação de Mestrado:

Contudo, não devemos esquecer que **A Pilhéria** — como denuncia o próprio nome — era uma publicação que estava às voltas com o riso: a escolha das temáticas passava, conseqüentemente, pelas expectativas humorísticas que os editores, redatores e jornalistas nutriam. [em negrito, no original].

Salientamos aqui, a importância da Fundaj, instituição repositória dos acervos pesquisados, cuja origem está no Instituto Joaquim Nabuco — criado em 1949 —, que se tornou, em 1980, Fundação Joaquim Nabuco, a qual, ao longo de sua existência, tem agregado

um imenso conjunto documental, possuindo extenso e relevante patrimônio histórico, artístico, científico e cultural, que tem sido alvo de pesquisas, produções culturais, mostras e ações pedagógicas, a partir desses acervos, que, por sua vez, dividem-se em arquivístico, bibliográfico, museológico, iconográfico, textuais, sonoro, musicográfico, audiovisual, micrográfico e digital. O acervo é de natureza documental e está fragmentado em micrográfico, informático, textual, cinematográfico, iconográfico, sonoro, fotográfico e audiovisual. Esses acervos guardam informações da memória histórica, social e cultural do Brasil, com ênfase na regionalidade. (ARAÚJO, 2010, p. 8). Vale ressaltar que, o acervo da Fundaj manteve, por um bom tempo, a custódia de documentos. A instituição passou a descartar a cultura custodialística aderindo à curadoria digital, dessa forma colaborou com a acessibilidade e autenticidade dos documentos, em seus respectivos formatos, para o uso social da informação. Marcos Galindo (2012, p. 38), historiador, afirma que, “[...] mídia digital impõe a necessidade condicional do desenvolvimento de estratégias de preservação e o princípio do acesso e uso social da informação”.

O periódico também se encontra custodiado na Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco, em uma coleção composta por 14 volumes encadernados, contendo 442 exemplares, destes apenas três fascículos não se acham em estado propício para manuseio, os demais estão acessíveis para pesquisa. A instituição supramencionada disponibiliza uma relação dos dados de cada revista *A Pilheria* salvaguardada, do período de 1921 a 1932, na lista constam registrado os anos de circulação, os números das edições, as datas de publicações, a quantidade de páginas por exemplar e as observações, o documento pode ser conferido no anexo I. Cabe ressaltar que, a revista *A Pilheria* publicou 460 edições durante sua existência no mercado editorial.

II

A cidade do Recife, recorte espacial da nossa pesquisa, nos anos de 1920, é o cenário do nosso estudo. Essa época é de um recorte temporal representativo da história da capital pernambucana referente à relação entre o moderno e o tradicional e as suas consequências. Dentro desse contexto, de acordo com o historiador Antonio Paulo Rezende (1997, p. 26), esse comportamento era identificado através das seguintes circunstâncias:

Tensões que se expressavam nos debates dos seus intelectuais, nas notícias e opiniões registradas na imprensa, no cotidiano invadido por certas invenções e hábitos modernos. Mas não era Recife uma cidade marcada, na época, por uma onda

incontida de modernizações que ameaçassem drasticamente suas tradições, se nos deixarmos levar pelos nossos olhares e sonhos de hoje.

Esse conjunto de acontecimentos nos aludiu a construirmos um produto, que apresentaremos a seguir, o qual foi concebido mediante a seguinte questão: *como era representado o comportamento da sociedade recifense nas imagens documentadas nas capas dos exemplares da revista A Pilheria, na década de 1920?* Dentro desse universo, desenvolvemos um aplicativo (App), denominado *MeLinda*, nosso produto, que permite participar de uma exposição virtual 3D, que possibilita ao usuário interagir. Esta intitulada *A Pilheria: em suas capas, páginas, traços e fotos*; onde trabalhamos com a apresentação de 48 capas da revista *A Pilheria*. A mostra está disponibilizada em um espaço de arte, porém virtual. A exposição propicia virtualmente ou via *download* o conteúdo editorial dos fascículos referentes a cada capa exibida. O produto trata-se de uma produção técnica.

Temos como objetivo principal contribuir para o resgate da memória coletiva da cidade do Recife, através das imagens publicadas nas capas d'*A Pilheria*, do *corpus* selecionado, por intermédio de um contexto informacional para construir, preservar e disseminar, através do uso social da informação. Nosso estudo teve como objetivos específicos: (1) criar um aplicativo, o produto, que viabilizasse o uso social da informação com o propósito de dar o acesso a uma mostra virtual 3D, das capas da revista *A Pilheria*, do nosso *corpus* coletado; (2) disponibilizar o conteúdo editorial, seja visualizado ou extraído via *download*, das revistas *A Pilheria*, do *corpus* selecionado, através de uma exposição virtual 3D, estas salvaguardadas no acervo digital *on-line* da Fundaj; e (3) disponibilizar à sociedade o conteúdo editorial, virtual e/ou físico, este através de um *download*, da revista *A Pilheria*, as que constituem a coleção custodiada no acervo digital *on-line* da Fundaj, por meio de uma exposição virtual 3D. Na compreensão da historiadora Regina B. Guimarães Neto (2006, p. 26):

[...] a relação entre a *memória e história*, entendendo que a *memória* não é um arquivo morto, nem um ponto de chegada — repleta de verdades desconhecidas e reveladoras —, mas instrumento de aprendizagem, com o qual se opera para dar movimento a certos fragmentos, iluminadores de estruturas e acontecimentos que tiveram lugar em uma determinada sociedade. [em itálico, no original].

Trabalhamos com a hipótese de que, com as imagens publicadas nas capas da revista *A Pilheria*, é possível também reconhecer e identificar representações existentes no Recife na segunda década, do século XX, estas referentes às questões políticas, do papel da mulher na sociedade, de gênero, de raça, entre outras atreladas à sociedade recifense, nessa época; assim,

mediante, uma análise sistemática dessas imagens e/ou utilizando-as como instrumentos, na condição de sustentáculo da memória. Ressaltamos que, deve-se levar em consideração que as imagens das capas do periódico em tela podem até não se referirem como realidade de um período da história da cidade do Recife, até porque uma única imagem é sujeita a várias interpretações, porém trata-se de representações. No entanto, as imagens das capas d'*A Pilheria* apresentam informações registradas que contribuem para o resgate da memória. Com relação ao uso de fotografias e de desenhos, fontes históricas visuais, empregadas no resgate da memória para utilização no desenvolvimento de pesquisas, Alexandre Viera da Silva Melo (2015, p. 23), historiador, em sua Dissertação de Mestrado, alerta-nos por meio da seguinte observação: “Temos consciência de que, tal como outras fontes históricas, as fotografias e desenhos são representações e não se constituem como verdade sobre uma época, contudo, sua análise auxilia na reconstrução histórica da memória dos indivíduos e de seu entorno sociocultural”. Dentro desse contexto Martine Joly (2007, p. 155), autora do livro *Introdução à análise da imagem*, relata que:

Seja como for, interessar-se pela imagem é também interessar-se por toda a nossa história, tanto pelas nossas mitologias como pelos nossos diferentes tipos de representação. A riqueza da abordagem contradiz a redução da imagem à imagem mediática ou às novas tecnologias: estas são apenas as formas mais recentes, se não as últimas, dos signos visuais que nos acompanham, tal como acompanharam já a história da humanidade.

A pesquisa proporciona subsídios a vários tipos de estudos, que dela poderão extrair informações referentes à moda, aos estudos da cultura social, à história da cultura, à antropologia social, à sociologia da cultura, entre outras. Nesse contexto, abrange ainda campos disciplinares atrelados à linha de pesquisa *Sociedades, Trabalho, Cultura e Memória*, do Programa de Pós-graduação em História, da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap).

Para atingirmos os objetivos propostos neste trabalho, os procedimentos metodológicos da investigação consistiram a partir da realização de exames das imagens publicadas nas capas da coleção da revista *A Pilheria*, custodiada no acervo digital *on-line* da Fundaj, que se constituiu um *corpus* restrito. Esse composto por 48 capas. O nosso trabalho configura como objeto de pesquisa as imagens presentes nas capas da revista *A Pilheria*, do *corpus* escolhido para obtenção de informações para resgatar a memória coletiva da cidade do Recife, cujo tema: *Recife*. Empregamos no nosso estudo o método de pesquisa bibliográfica.

Durante todo o processo de investigação realizamos visitas presenciais e virtuais em museus, bibliotecas, acervos, entre outros lugares, quando necessárias.

A escolha das imagens publicadas nas respectivas capas da revista *A Pilheria*, para atuação do exemplar na mostra, deu-se através de um processo seletivo, já citado no início desta *Introdução*. Mediante o resultado deste, formou-se o *corpus* selecionado. Salientamos que, operamos com a Internet na condição de ferramenta na aplicação do estudo. Foi realizada uma pesquisa musical para a seleção de uma trilha sonora, esta produzida na década de 1920, para integrar o ambiente virtual da exposição. Os textos utilizados nos recintos da mostra são resultados do estudo que desenvolvemos na nossa pesquisa. Com relação à montagem do ambiente virtual em 3D realizou-se uma aplicação que foi desenvolvida no *Unity 3D*, na linguagem C#, e o ambiente foi modelado no *Blender*.

III

Além dos autores que serão mencionados neste texto, dialogaremos também com outros no presente estudo, alguns referenciados nessa *Introdução* e demais no decorrer do relatório, entre eles, buscaremos como sustentáculos teóricos, as ideias da pedagoga Eliane Cristina Pereira Santos (2009). Através da autora, obteremos os subsídios científicos para nossa pesquisa, quanto ao gênero capa de revista. De acordo com Santos (2009), “O estudo da capa da revista, como discurso produzido pelo não verbal, abre possibilidades de entendimento dos elementos visuais como operadores de discurso”. Vale ressaltar que, capas de revista apresentam informações importantes, independente do segmento do magazine, pois contribuem para uma melhor compreensão do comportamento sociocultural de um determinado lugar e período, onde aquelas são produzidas.

Para compreendermos a utilização da revista como fonte histórica, conversaremos com a historiadora Ana Luiza Martins (2003), para aclarar o nosso trabalho. Por meio da autora, alicerçaremos o diálogo da pesquisa, nesse ponto. A historiadora nos faz um alerta para a cautela que devemos tomar ao interpretarmos e ao analisarmos uma revista, fazendo a seguinte consideração:

Texto, imagem, ilustrações, reclames e seções — em princípio, independentes de análise mais profunda —, evocam em seu conjunto, de imediato, o quadro histórico em que se pretende transitar. E criam, igualmente, o risco de leitura amena e ligeira, decorrente do mero folhear dessas publicações de época que acabam por envolver o leitor/historiador no tempo pretérito que busca reconstruir. (MARTINS, 2003, p. 60).

Traremos Boris Kossoy (2002; 2014), historiador e fotógrafo, para discutir e reverberar a respeito da imagem fotográfica. O registro fotográfico de uma cena apresenta um fragmento da história de um determinado espaço e tempo. Com relação às imagens fotográficas enquanto fontes, Kossoy (2014, p. 36) nos afirma que:

As fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tentar sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para a decifração de seus conteúdos e, por consequência, da realidade que os originou.

Mediante os critérios supracitados pelo autor, partindo desse princípio, entende-se que, a imagem fotográfica é uma aliada da pesquisa para desmistificar, aclarar e elucidar uma investigação e/ou desdobramento. No entanto, as informações identificadas e diagnosticadas, nessa fonte histórica, por mais que sejam superficiais ou mínimas têm seu grau de importância e de valor para contextualizar uma determinada época de um lugar, auxiliando no resgate da memória individual e/ou coletiva.

IV

Percebe-se que a revista *A Pilheria* construiu um “lugar de memória”⁸ urbana. Ela apresentava ao(a) seu(sua) leitor(a) o Recife. A capital pernambucana era projetada pelo magazine através das suas publicações, registrou: espaços de sociabilidade públicos e privados, tendências, eventos, personalidades, pessoas anônimas, edificações, notícias da cidade, humor com personagens reais e fictícios — narrados em ambientes da Cidade Maurícia. Também eram divulgados nas páginas da revista, lugares de compras — com seus respectivos produtos, serviços, representações comerciais, e indústrias instaladas em Pernambuco —, instituições de ensino, igrejas, festas religiosas e profanas, confeitarias, clubes, cafés, cinemas, estúdios de fotografia, anúncios publicitários, imagens fotográficas, charges, e etc.. O magazine era produzido por uma parcela da elite intelectual, que residia em Pernambuco. O periódico circulava semanalmente, trazendo em suas páginas assuntos de outras cidades de Pernambuco e de outros estados, porém em menos proporção, além de notícias esporádicas de outros países. Quanto ao perfil do leitor d’*A Pilheria*, Melo (2015, p. 25), relata:

A Pilheria foi um semanário voltado para as camadas médias urbanas, e apesar de não ser uma revista feminina, pode-se afirmar que, por conta do seu conteúdo e pela

grande quantidade de ilustrações, fotografias e anúncios voltados para este gênero, eram as mulheres o público mais inclinado à sua leitura. [em itálico, no original].

Evidenciamos que há palavras nas salas da exposição, que estão escritas de acordo com a mesma ortografia publicada na revista *A Pilheria*, tratando-se, a princípio, do próprio nome do periódico. Esta condição foi opcional, objetivando deixar registrado, no nosso trabalho, a escrita do período pesquisado.

Para finalizar, ressaltamos que, a nossa pesquisa apresenta apenas mais um norteamento para história da Cidade Maurícia, no qual pretendemos contribuir para o conhecimento, a reflexão, e o resgate da memória coletiva da capital pernambucana, além de preencher algumas das lacunas presentes referentes ao tema. Porém, entendemos que a história da cidade do Recife, dos anos de 1920, é imensurável, resta muito a explorar. Cabe frisar que, o tema investigado não exaure com a nossa simplória pesquisa. Rezende (2012, p. 12) nos diz que: “A história é construção contínua das possibilidades. Está entrelaçada com a vida, atíça a curiosidade, mas também cria significados que não se esgotam”. Esperamos que nosso produto venha a contribuir de alguma forma para futuras pesquisas, e será explanado detalhadamente no decorrer desse relatório.

2. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Editada e publicada na capital pernambucana, a revista *A Pilheria* documentou e reportou, do início dos anos de 1920, ao começo da década de 1930, o cotidiano da sociedade do Recife, nesse período. Em suas capas e em suas páginas, o magazine registrava os fatos com uma linguagem moderna. Além dos textos, nela também eram agregadas ilustrações, caricaturas, charges, desenhos, extratextos — reclame ou propaganda — e imagens fotográficas. Com relação a esse quadro, Kossoy (2014, p. 35–36) nos alerta para a importância das imagens documentos para os estudiosos dos diversos gêneros de história, essas são, “[...] insubstituíveis cujo potencial deve ser explorado. Seus conteúdos, entretanto, jamais deverão ser entendidos como meras ‘ilustrações ao texto’”. [em aspas, no original].

O acervo digital *on-line* da Fundaj, por meio do seu site via a página *Publicações digitalizadas*, disponibiliza o acesso a documentações digitalizadas, através de um clique, realizado pelo *mouse*, no nome da publicação desejada, em que se encontra na página, aquelas são: seis coleções referentes às seguintes revistas impressas: *Pra Você*⁹, *Rua Nova*¹⁰, *Revista da Cidade*¹¹, *A Pilhéria*, *Revista Renovação*¹² e *Revista do Norte*¹³; um *corpus* composto por

30 edições do mensário cultural e jornal literário denominado *Nordeste*¹⁴, ressaltamos que, a Biblioteca Central Blanche Knopf, salvaguarda 20 números da coleção que ainda não passaram pelo processo de digitalização; o livro *História da imprensa de Pernambuco*¹⁵, da autoria do jornalista Luiz do Nascimento, composto por 14 volumes e um índice geral, este denominado *Índice alfabético geral dos títulos de periódicos (1821–1954)*, organizado por Virginia Barbosa; onde consta, o título da publicação da obra *Dicionário de pseudônimos de jornalistas de Pernambuco*¹⁶, produzida por Luiz do Nascimento, é disponibilizado apenas o índice de pseudônimo dessa, elaborado por Maria Falcão Soares da Cunha, a qual foi orientada por Lúcia Gaspar; o livro *Cozinheiro imperial*¹⁷, tendo a 7ª edição aumentada e melhorada através de Constança Oliva de Lima; e, cabe ressaltar que, na página *Publicações digitalizadas* encontramos repetido o título do livro *História da imprensa de Pernambuco*¹⁸, que, ao ser clicado pelo *mouse*, viabiliza, unicamente, o *Índice alfabético geral dos títulos de periódicos (1821–1954)* referente à obra citada. Salientamos que, a autoria e a organização desses dois trabalhos já foram anteriormente mencionadas.

Para se trabalhar com acervos em bases de informações digitais, acelera-se o desenvolvimento de construção de informação e de conhecimento; e prolonga-se a sobrevivência dos dados cadastrados, proporcionando acessibilidade à sociedade e às mais diversas comunidades acadêmicas, tendo como suporte uma plataforma digital.

Os conjuntos de informações registradas em seus respectivos suportes, no caso, periódicos, independente da linguagem contida nesses; requerem a organização e identificação de seus conteúdos através de uma análise técnica e de uma interpretação teórica, para realização de uma sistematização necessária a sua disseminação objetivando o uso social da informação. Frisamos que estamos trabalhando apenas com as imagens publicadas nas capas da revista *A Pilheria*. Galindo (2012, p.38) nos alega que:

A atuação da preservação digital nesse contexto de mudança passa pela garantia de acesso, pela fiabilidade dos dados e pela autenticidade dos conteúdos, bem como pela compreensão do valor da memória digital para história, economia e para a cultura nacional.

O uso de documentação digitalizada para fins de pesquisa preserva e reproduz as documentações originais. Desse modo proporciona, quando desejado, a disseminação dessas, pois ao se trabalhar com acervos em bases de informações digitais, agiliza-se o processo de construção de conhecimento, além de possibilitar a proteção dos documentos custodiados em meio digital. Ressalvamos que, estes não estão imunes a riscos iminentes, em suas mídias-

suporte, como: hackeamento, danificações de um HD externo, entre outros fatores. Nesse sentido, Galindo (2012, p.38) alerta: “Um dos problemas mais evidentes é a perecibilidade da informação registrada em meio digital, natureza que afeta tanto as mídias-suporte de conteúdo quanto os instrumentos de operação, como *software e hardware*”. [em itálico, no original]. Para concluir a linha de pensamento, o autor tece a seguinte consideração:

A preservação digital é um reflexo das novas demandas surgidas com o aporte das tecnologias digitais. Visa diminuir os riscos a que estão expostos os bens do patrimônio memorial registrado em meio digital, bem como minimizar o impacto de possíveis sinistros a que estão sujeitos os estoques de informação. Garantir que esses registros estejam acessíveis por longo tempo para as gerações vindouras é portanto o desafio básico que se impõem os profissionais que se empregam na curadoria dos registros digitais. (GALINDO, 2012, p.38).

A criação do produto procedeu pelo gênero capa de revista. Esta concebida para nada mais, nada menos, que encantar e atrair, é nela que o(a) leitor(a) do magazine, seja assinante ou ocasional, e também possíveis leitores(as), além do transeunte que se depara em frente a uma revista, em um ponto de venda, tem o primeiro contato informativo com a edição do exemplar. Mesmo não efetuando a compra de uma revista, o sujeito passa a ter algum tipo de informação mínima possível ao ler a capa de um magazine, seja pela(s) imagem(ns) publicada(s), ou pela chamada principal (manchete) registrada, ou pelas chamadas secundárias estampadas, ou por todos os assuntos apresentados. Aquela é apenas um pequeno recorte, um micro panorama, do conteúdo do magazine. Uns dos fatores que impulsiona a mercantilização de um periódico são as informações que constam na capa. No estudo *O gênero capa de revista: descrição de seus aspectos sócio-interativos*, as autoras Monique Alves Vitorino e Ângela Paiva Dionísio (2010) nos apontam:

Em seu suporte impresso, capas de revistas circulam indiscriminadamente, interpretando fatos, divulgando opiniões e ideologias, vendendo tendências e levantando polêmicas. São o carro-chefe de edições que, no ínterim dos discursos publicitário e jornalístico, se pretendem objetivas e imparciais, por isso possuem uma cuidadosa composição verbal e visual, com o intuito de despertar a atenção do leitor, visto pelos seus enunciadores primordialmente como um consumidor a ser seduzido.

Ressaltamos que, tratando-se das capas da revista *A Pilheria*, identificamos que o assunto contido nestas, às vezes, não é explanado, dentro dos seus respectivos magazines. Porém, as faces desses trazem em si um recorte com informações relevantes para uma pesquisa, em que podemos extrair dados, seja por meio da linguagem visual ou da verbal.

No entanto, em uma capa de revista podemos obter informações que foram registradas referentes ao contexto histórico do momento vigente de uma determinada época e lugar. Ademais, é possível detectar pista(s) e referência(s), na face de um periódico, para se trabalhar em uma pesquisa, seja uma capa com uma produção imagética acompanhada de uma palavra ou de uma frase, ou mesmo uma capa contendo apenas uma imagem — além do logotipo da revista, da data de publicação, do ano do periódico, do número da edição, do valor do magazine —, como é o caso das capas d’*A Pilheria*, do nosso *corpus* coletado.

Salientamos que, podemos adquirir saberes importantes, através de coleta de dados extraídos de uma capa de revista, no que constitui a composição desta, seja de elementos visuais ou verbais impressos nesse gênero. Pois, tratando-se de uma imagem, a sua leitura vai do geral, passando pelo particular ao detalhe nela documentada. Cabe ressaltar que, também expressões, gestos, posturas, atitudes de personagens retratados e representados através de registro de imagem, contêm informações de relevância para uma análise sociocultural. Um pequeno detalhe em uma imagem pode conter e apontar informações reveladoras para uma pesquisa, dentro de um contexto cultural de uma sociedade. Segundo Burke (2017, p. 153):

No que diz respeito à história da cultura material, o testemunho de imagens parece ser mais confiável nos pequenos detalhes. Ele é particularmente valioso como evidência da arrumação dos objetos e de seus usos sociais, não tanto a lança, ou garfo, ou livro em si, mas a maneira como empunhá-los. Em outras palavras, imagens nos permitem reinserir velhos artefatos no contexto social original.

Com relação a esse aspecto, Burke nos traz um relato de Keith Thomas referente à reação de historiadores culturais sobre um diagnóstico descoberto através de entalhes produzidos por David Loggan, do término do século XVII. A ocorrência atinente às imagens, que passaram a ser utilizadas na condição de testemunhas. No que diz respeito a esse fato, o historiador menciona o seguinte:

No caso do testemunho de imagens, como em muitos outros casos, as testemunhas são mais confiáveis quando elas nos contam alguma coisa que elas — nesse caso, os artistas — não sabem que sabem. Na sua conhecida discussão sobre o papel dos animais nos primeiros tempos da sociedade inglesa moderna, Keith Thomas observou que “nos entalhes que retratam Cambridge datados do final do século XVII, realizados por David Loggan, há cães em toda a parte [...] O total é de 35”. O que o entalhador e os espectadores da época consideravam como algo comum tornou-se um assunto de interesse para historiadores culturais.¹⁶ [em travessão, em aspas e em colchetes com reticências, no original]. (THOMAS, 1983, p.102 apud BURKE, 2017, p. 52).

Revistas do segmento d'A *Pilheria* levavam para os(as) leitores(as) informações que condiziam com seu próprio universo. O conteúdo veiculado no periódico em questão noticiava em destaque o cotidiano da Cidade Maurícia, no qual atuava: documentando, relatando, narrando, desenhando, fotografando, poetizando, satirizando, reportando a sociedade recifense. Além disso, traziam nas suas páginas publicações com crônicas, jogos e extratextos.

Martins (2003, p. 60) reverbera que um único exemplar de qualquer revista, na condição de documento, faz desta um conjunto lúdico que agrega “[...] texto, imagem, técnica, visões de mundo e imaginários coletivos.”, nela também integram o formato, o papel, a letra, a ilustração, a tiragem. Dentro desse contexto, a historiadora nos esclarece que, essa fonte documental provoca questionamentos que predizem o conteúdo de historicidade contido em publicações pretéritas, que insuflam uma pesquisa. (MARTINS, 2003, p. 60). A autora nos aponta mencionando que, em uma revista há diversos registros, “[...] do textual ao iconográfico, do *extra texto* — reclame ou propaganda — à segmentação, do perfil de seus proprietários àquele dos consumidores.” [em itálico, e respeitando a grafia, no original] (MARTINS, 2003, p. 60). Logo, a historiadora nos alerta complementando com a seguinte observação:

A pertinência desse gênero de impresso como testemunho do período só é válida se levarmos em consideração as condições de sua produção, de sua negociação, de seu mecenato propiciador, das revoluções técnicas a que se assistia e, em especial, da natureza dos capitais nele envolvidos. (MARTINS, 2003, p. 60–61).

A capa de um magazine projeta o momento social, comportamental, político, cultural, econômico em que um determinado país, estado e/ou cidade vivenciou em um período do tempo, dentro de um contexto. Frisamos que, na face de uma revista podem ser obtidas várias informações. A composição imagética contida na capa d'A *Pilheria*, do *corpus* escolhido da presente pesquisa, nos subsidiou para a construção do nosso produto, através dos conteúdos imagéticos veiculados de modo a considerar: gêneros, ações políticas, manifestações culturais, entre outros. De acordo com Santos (2009): “As imagens das capas são signos icônicos e contêm natureza triádica: a significação em si mesma, a representação objetiva e o efeito de interpretação. Logo, a capa da revista é um signo sem deixar de lado suas outras propriedades”.

O resultado da investigação desse trabalho tem como objetivo contribuir socialmente para a compreensão e dimensionamento da história, da sociologia, das artes visuais e outros

campos de estudo. Santos (2009) enfatiza que: “É bem verdade que não podemos considerar o texto o único elemento de produção de sentidos, visto que numa capa encontra-se o texto escrito, o contexto imediato, as imagens e o contexto sócio-cultural”. [respeitando a grafia, no original].

O registro imagético histórico produzido em papel por tinta, pincel, lápis, caneta constitui um recorte documental de um acontecimento, em que o mundo, um país, um estado, uma cidade, uma comunidade, uma pessoa pública, atravessou ou esteja atravessando em um determinado momento de um contexto. Vale salientar que, muitas vezes também tem no enredo abordado a inclusão de personagem anônimo ou fictício.

A mensagem contida numa publicação de uma produção imagética deve ser levada em conta. Por exemplo: a charge de uma cena política — de caráter irônico e/ou humorístico —, apesar de ser construída com satirização, trata-se de uma produção documental. Nela, está a interpretação de um fato através da reflexão do artista. Cabe também ressaltar que, mesmo no caso de uma publicação imagética tendenciosa, deve-se levar em consideração a produção dela, para que seja analisada, pelo menos, no que se diz respeito ao tema explanado. Quanto a esse aspecto, Martins (2003, p. 69) destaca: “[...] a ilustração — seja aquela da composição decorativa da página, ou aquela da propaganda e ainda aquela outra da caricatura — constitui representação com forte carga documental, merecendo breve incursão”. [em travessão, no original].

Testemunha ocular de um período histórico, o magazine traz um conteúdo imagético, impresso nas capas, a ser interrogado pelos historiadores. De acordo com Peter Burke (2017, p. 17), nos últimos anos, a utilização de imagens como evidência histórica trabalhada em pesquisa está crescendo, e vem auxiliando os historiadores em estudos, mediante a adesão da escolha destas. O autor nos motiva para aderir ao uso de imagens nas investigações; mas, ao mesmo tempo nos alerta, fazendo uma ressalva para as possibilidades dos riscos que aquelas podem proporcionar. Portanto, para Kossoy (2002, p. 33), “A imagem fotográfica fornece provas, indícios, funciona sempre como documento iconográfico acerca de uma dada realidade”. Diante dessa conjuntura, Marcio de Assumpção Pereira da Silva (2000), reitera esse entendimento em seu relato de pesquisa *Memória e fotografia: um estudo sobre informação visual em São Carlos (SP)*, quando alega que “[...] a fotografia permitiu a reconstrução da memória individual e coletiva”. Ainda com relação à importância da imagem fotográfica para a história, Kossoy (2002, p. 26) argumenta que: “O espaço e o tempo

implícito no documento fotográfico subentendem sempre um contexto histórico específico em seus desdobramentos sociais, econômicos, políticos, culturais etc.”.

O resgate de informações individuais ou coletivas contribui para a construção da história. Este pode ser realizado independente do tipo de suporte que esteja proporcionando as informações ou evidências, seja ele pedra, carta, jornal, revista, desenho, negativo, fotografia, vídeo, CD, DVD etc. Tratando-se de imagens fotográficas, elas possibilitam a reconstituição de uma história inteligível que fornece informações subsidiárias para trabalhar no resgate da memória coletiva. Neiva Vieira Cunha (2005, p. 77) no artigo, *Viagem, experiência e memória: narrativas de profissionais da saúde pública dos anos 30*, defende que: “A memória coletiva é um elemento fundamental para a vida social, tanto para sua permanência quanto para sua reprodução e continuidade”.

Cristóvão Domingos de Almeida, Joel Felipe Guindani e Jackson Ronie Sá-Silva (2009, p. 2), ressaltam no artigo *Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas*, que a utilização de documentos em estudos é para ser apreciada e valorizada. Ainda salientam que “A riqueza de informações que deles podemos extrair e resgatar justifica o seu uso em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais porque possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural”. Razão pelo qual também se buscou apoio nessas áreas do conhecimento, visando ao acompanhamento de imagens que retratam um período da história da sociedade recifense, estas encontradas nas capas da revista *A Pilheria*.

Por fim, o periódico trata-se de um portal onde encontramos o passado do cenário urbano da Cidade Maurícia, apresentado e representado nas páginas. A revista *A Pilheria* nos revela uma sociedade arraigada e vislumbrada ao desvendar o novo, desfrutando do que há de moderno, alguns cientes de que é uma nova era e outros só vivenciavam e sentiam as consequências desse novo ciclo: os anos de 1920.

3. DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO

A aplicabilidade do nosso produto, um app, denominado *MeLinda*, é disponibilizá-lo a sociedade, para que esta participe de uma exposição das capas da revista *A Pilheria*, instalada no ambiente virtual 3D, no qual é intitulada *A Pilheria: em suas capas, páginas, traços e fotos*; e também fazer chegar à revista *A Pilheria* virtual e/ou física, baixando-a através de *download*, via acervo digital *on-line* da Fundaj, ao interagir através da mostra.

A seleção dos exemplares para exposição foi realizada por meio das imagens registradas nas capas d'*A Pilheria*. Por intermédio de eixos temáticos identificados e diagnosticados, aquelas foram categorizadas e classificadas, e logo após selecionamos as classificações adequadas para constituir a mostra; na sequência, editamos as imagens, através desse processo formamos assim o *corpus* coletado. O nosso propósito não é trabalhar com as imagens registradas em todas as capas da coleção da revista *A Pilheria*, que foram categorizadas e classificadas.

O ambiente virtual, além de uma recepção, consta de quatro salas. Nessas, as capas d'*A Pilheria*, do *corpus* escolhido, são distribuídas de acordo com suas categorizações e, conseqüentemente, suas classificações, as que apenas reduzem ao *corpus* coletado. Ressaltamos que, as salas do espaço virtual de arte estão denominadas conforme as suas respectivas categorias definidas: sala 1, intitulada *Arquitetura*, este recinto abriga capas que trazem veiculadas imagens fotográficas de edificações; sala 2 e sala 3, nomeadas *Traços*, estas apresentam capas que constam impressos desenhos e charges; e sala 4, nominada *Retratos*, nesta são expostas capas que contêm o registro de documentações imagéticas somente de pessoas. Quanto às classificações, serão explanadas no item 4. *Apresentação do produto*, do presente relatório.

Vale salientar que, além das capas do magazine, que estão emolduradas, encontraremos no espaço virtual de arte: o nome da revista, uma imagem, um texto curatorial, uma ficha técnica, quatro citações — que embasam o nosso estudo — e o acesso para a coleção da revista *A Pilheria*, custodiada no acervo digital *on-line* da Fundaj.

Quanto ao nosso público-alvo, este é diversificado, o nosso produto permitirá a acessibilidade a um público heterogêneo das mais variadas camadas sociais, faixas etárias, níveis de escolaridade e culturas. Temos como maiores beneficiários: Fundaj, Unicap, pesquisadores, docentes, discentes e interessados no tema abordado. O produto é uma construção técnica e tem caráter social.

4. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO

O nosso produto é de cunho social, fruto da nossa pesquisa. Trata-se da criação do *App MeLinda*, o qual proporciona uma exposição no ambiente virtual 3D, denominada *A Pilheria: em suas capas, páginas, traços e fotos*, permite ao usuário interagir; temos como objeto de pesquisa as imagens publicadas nas capas da revista *A Pilheria*, do *corpus* coletado. O

periódico em questão circulara suas edições entre 1921 a 1932. O *corpus* restrito que tomamos para a construção do produto concentra-se na década de 1920, nosso recorte temporal.

Os critérios adotados — na escolha das capas — para integrar a mostra foram determinados por meio das imagens documentadas nas faces d’*A Pilheria*, mediante eixos temáticos, identificados e diagnosticados. Em seguida, as capas dos periódicos foram categorizadas e classificadas. Para finalizar esse processo, as imagens que formam apenas as classificações selecionadas, para compor a exposição, passaram por uma edição, resultando no nosso *corpus* restrito. As salas do espaço virtual de arte foram denominadas de acordo com as categorias definidas, são elas: sala 1, *Arquitetura*; sala 2 e sala 3, *Traços*; e sala 4, *Retratos*. O ambiente virtual da exposição *A Pilheria: em suas capas, páginas, traços e fotos*, composta por um *corpus* de 48 capas, é constituído por uma recepção e por quatro salas, que, além de serem intituladas mediante as suas categorias, nelas constam abrigadas as classificações, somente as que compõem o *corpus* restrito — e passaram pelo processo citado no início deste parágrafo — as quais são: *Prédios, Temas Sociais, Festas Comemorativas, Casais, Admiradores, Pessoas Pretas, Melindrosas*¹⁹, *Melindrosas e Almofadinhas*²⁰, *Ellas, Elles e Crianças*.

Na classificação *Admiradores*, cabe o seguinte esclarecimento: identificamos na nossa pesquisa imagens publicadas nas faces de alguns dos semanários, da coleção d’*A Pilheria* do acervo digital *on-line* da Fundaj, de homens observando mulheres e de homens caminhando atrás de mulheres. Ressaltamos que, a revista *A Pilheria* está centrada em um período em que os desenhos muitas vezes não conseguem refletir a leitura da época de hoje. Trata-se de edições publicadas na década de 20, do século XX, onde muitos temas sensíveis não eram abordados popularmente pela sociedade, como a síndrome de *stalker*. A palavra inglesa *stalker* que vem do verbo *to stalk*, quer dizer perseguir, tocar, vigiar. [tradução nossa]. Porém, não identificamos registrados nas documentações, do *corpus* selecionado e classificado, nada que mencione sobre a síndrome supracitada; entretanto, nessa circunstância, optamos em nomear a classificação de *Admiradores*.

Quanto à nomeação da classificação *Pessoa Preta*, da nossa investigação, deu-se pelo fato de que *preta* é a nomeação atribuída a uma das cinco categorias de classificação — além dessa estão inclusas: *branca, parda, amarela e indígena* — que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), utilizou na aplicação da pesquisa do estudo *Pesquisa das Características Étnico-Raciais da População: um Estudo das Categorias de Classificação de*

Cor ou Raça (PCERP). Tomamos essa ocorrência como referência para o nosso estudo. A pesquisa foi realizada em 2008, encontra-se disponibilizada por meio dos endereços eletrônicos <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14057-asi-ibge-divulga-resultados-de-estudo-sobre-cor-ou-raca>> e/ou <www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/caracteristicas_raciais/default_raciais.shtm>.

Ainda dentro do contexto da classificação, vale frisar que, o porquê das classificações das capas d'*A Pilheria* terem sido denominadas de *Ellas* e de *Elles*, é pelo motivo de que no período de estudo, não foi identificado, na documentação pesquisada, a afirmação por outros tipos de identidades de gênero, além do feminino e do masculino. No entanto, não podemos falar pelo outro, só o outro pode declarar sua identidade de gênero.

A exposição *A Pilheria: em suas capas, páginas, traços e fotos*, virtual 3D, foi concebida para ser viabilizada, por meio da instalação do *App MeLinda*, em um computador, aquele estará disponível gratuitamente na plataforma Itch.io. O usuário após baixar e instalar o *App MeLinda*, hospedado na plataforma supramencionada, passa a ter o acesso à entrada no ambiente da mostra. Uma vez, dentro do espaço virtual de arte, o usuário pode caminhar e apreciar o conteúdo de todas as salas — entrar e sair, ir e vir —, e também parar na frente de uma imagem. O passeio pela exposição em questão é acompanhado por um fundo musical instrumental, o samba *Jura*²¹, lançado em 1928, composto por José Barbosa da Silva, popularmente, conhecido como Sinhô. Para que seja permitida a exploração do ambiente virtual, trabalharemos com os seguintes recursos tecnológicos: computador conectado à Internet, e instalado com o *App MeLinda*; fone de ouvido ou a utilização do som do próprio computador; além do *mouse* e as setas do teclado (setas de navegação) para interagir com a mostra.

Ao clicar o *mouse* sobre o botão localizado lateralmente de qualquer um dos quadros que contêm a face da revista emoldurada, exposta na mostra, é apresentado um balão com dados referentes ao magazine, cuja capa está agregada, estes são: o título da obra; o crédito; a data de publicação; o formato; a fonte (o ano de publicação da revista, o ano da revista e o número da edição da revista); e a instituição custodiadora do acervo. Ressaltamos que, por sua vez, o balão ao ser clicado dá acesso, ao usuário visualizar o fascículo correspondente à capa d'*A Pilheria*, em formato digitalizado, o qual se encontra salvaguardado no acervo digital *online* da Fundaj, e ainda pode ser adquirido através de um *download*.

A mostra disponibiliza formas de interação com a coleção da revista *A Pilheria*, que está custodiada no acervo supracitado, onde pode ser visualizada e também baixada. O ingresso é proporcionado através da sala 4, *Retratos*, situado na parede *Elles* existe um botão ao lado da palavra *Acesso* (apêndice H), este ao ser clicado pelo *mouse*, abre-se a página do repositório da coleção d'*A Pilheria*, hospedado no site da instituição custodiadora, Fundaj. Os documentos estão salvaguardados, em formato digitalizado. O nosso fabrico é de natureza social, objetivamos trabalhar com o uso social da informação.

Cabe salientar que, o produto é o que está descrito neste item, o qual propicia ser desenvolvido e aperfeiçoado em outros estágios, tomando novas funcionalidades sem perder a essência. No subitem 4.2. *Desdobramento do produto*, apresentaremos nosso fabrico em suas respectivas fases, essas que correspondem a três.

4.1. Ambiente virtual tridimensional da exposição *A Pilheria: em suas capas, páginas, traços e fotos*

Para otimizar o entendimento do ambiente virtual da exposição *A Pilheria: em suas capas, páginas, traços e fotos*, podemos conferir o espaço virtual de arte, na figura 1, e também seus recintos, como a recepção do ambiente e as respectivas salas, por meio das figuras 2, 3, 4, 5, 6, 7. O motivo da escolha para a apresentação das imagens foi para proporcionar melhor compreensão para apreciação da mostra.

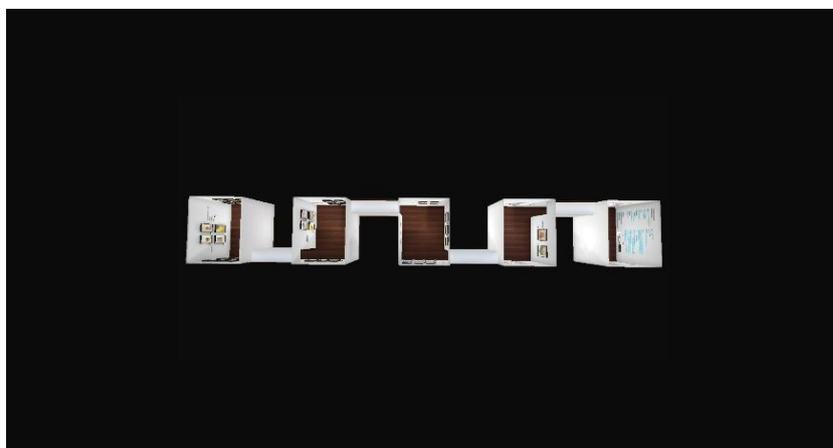


Figura 1. Planta do espaço virtual de arte em 3D, que abriga a exposição *A Pilheria: em suas capas, páginas, traços e fotos*.



Figura 2. Recepção do espaço virtual de arte em 3D, da mostra *A Pilheria*: em suas capas, páginas, traços e fotos.



Figura 3. Sala 1, leva o nome de *Arquitetura*.



Figura 4. Sala 2, traz a nomenclatura de *Traços*



Figura 5. Corredor de acesso da sala 2, *Traços*, para a sala 3, cujo nome é o mesmo da sala que a antecede (prossequimento da categoria abordada na sala 2)



Figura 6. Sala 3, também denominada *Traços*, continuação da sala 2.



Figura 7. Sala 4, intitulada *Retratos*.

4.2. Desdobramento do produto

O produto ainda dá condições de ser desenvolvido, por meio de um processo evolutivo, em três fases, onde cada uma dessas passará a agregar sucessivamente mais um novo tipo de funcionalidade, as quais são as seguintes:

1. Na primeira fase, iremos trabalhar com a exposição *A Pilheria: em suas capas, páginas, traços e fotos*, em Realidade Virtual (RV), dentro de um recinto físico, a qual proporcionará a mostra ser itinerante e/ou simultânea e/ou permanente. Para execução dessa fase será necessário: óculos para realidade virtual para uso de celular; celular que possua as configurações mínimas compatíveis para esse tipo de tecnologia; instalar no celular o app da Google, Google Card Board, para que funcione a aplicação; instalar o *App MeLinda* no celular; e, uso de *joystick* para fazer a interação. Frisamos que, o conteúdo editorial da revista será disponibilizado e apresentado visualmente. Nesta fase e na segunda fase os produtos se encontram em estágios de desenvolvimento para futuro testes. Ressaltamos ainda: esta fase possibilitará que possamos deslocar os equipamentos técnicos para vários espaços físicos, como por exemplo, instituições de ensinos públicos e privados, bibliotecas, museus, galerias, associações comunitárias, feiras científicas, entre outros.
2. A segunda fase consiste em viabilizar para o usuário a coleção d’*A Pilheria* e as demais coleções referentes aos periódicos, salvaguardados no acervo digital *on-line* da Fundaj, por intermédio do *Acervo tridimensional on-line jornalista Luiz do Nascimento*. Esse é uma extensão, que foi concebida ao espaço virtual de arte da exposição *A Pilheria: em suas capas, páginas, traços e fotos*, pois se trata do desdobramento evolutivo do nosso produto. Trabalharemos nesta fase com RV. O acesso é dado por intermédio da sala 4, *Retratos*, onde há uma entrada para o recinto. Neste, as coleções dos periódicos são disponibilizadas, em um ambiente virtual tridimensional, estas organizadas em salas, identificadas e apresentadas de acordo com o nome do magazine, no qual abrigarão as capas emolduradas nas paredes, distribuídas mediante os seus anos de publicação. Entrando no *Acervo tridimensional on-line jornalista Luiz do Nascimento*, o usuário ao escolher o exemplar, para visualizar os dados e/ou os conteúdos editoriais, deve acessá-los

através de cliques manuseado por meio de *joystick*, conforme os seguintes procedimentos:

- a) O primeiro passo, clicar no botão situado ao lado da capa emoldurada, da revista escolhida, uma vez que, realizado o clique, surgirá um balão disponibilizando os seguintes dados: o título da obra; o crédito; a data de publicação; o formato; a fonte (o ano de publicação da revista, o ano da revista e o número da edição da revista); e a instituição custodiadora do acervo;
 - b) No segundo passo, ao clicar em cima do balão, acionará a visualização do conteúdo editorial do magazine, correspondente à respectiva capa. Nesta fase o produto viabiliza o acesso à exposição e ao acervo, em tela, a serem visitados, durante as apresentações em diversos espaços físicos, por meio dos equipamentos técnicos já citados na primeira fase.
3. Já na terceira fase, o produto mediante as condições desenvolvidas, mencionadas na segunda fase, pode ser instalado na *home page* da Fundaj, em uma versão virtual 3D, porém, com a inclusão do recurso de audiodescrição. Trata-se de mais uma funcionalidade agregada ao nosso fabrico. O produto final também tem como objetivo atender às necessidades de pessoas com deficiência visual (pessoas cegas ou com baixa visão), uma vez que, existe uma lacuna da ausência de produtos e de serviços direcionados para esse público. Quanto à produção e a inclusão do recurso de audiodescrição; assim como o processo de construção, de instalação etc., ficam por conta de uma consultoria especializada na área.

4.3. Recintos da exposição *A Pilheria: em suas capas, páginas, traços e fotos*, virtual 3D, e as respectivas imagens

Trata-se de um espaço virtual 3D, composto por 48 capas emolduradas, textos, um desenho, e um botão de acesso direto para a página do repositório da coleção da revista *A Pilheria* salvaguardada no acervo digital *on-line* da Fundaj, distribuídos entre uma recepção e quatro salas, esses recintos são apresentados detalhadamente abaixo:

- 1. Recepção.** Espaço tridimensional, onde o usuário tem o primeiro contato com a exposição, para obter informações e se inteirar sobre a mostra. Nas paredes desse ambiente estão distribuídos: o texto curatorial (apêndice A), este explana sobre a A

Pilheria; a ficha técnica da exposição (apêndice B), onde estão os créditos dos profissionais integrados e suas funções, também aponta as instituições envolvidas, e a atuação de uma parceira que trabalhou na construção do produto; o nome da revista em grande proporção (apêndice C); e, por fim, é exibida em uma das paredes a imagem de um desenho de um casal emblemático (ilustração 1), que aparece registrado em várias edições do periódico, ao lado deste encontra-se a palavra pilhéria com sinônimos, segundo o *Dicionário inFormal* (2019).

Pilhéria

Gogação

Zombaria

Troça

Chiste

Piada

Facécia

Gracejo

Graça

Humorismo

Briandeira

Galhofa

Risota

Gaiatice...



Ilustração 1 – Casal do cabeçalho de uma das páginas da revista *A Pilheria*.

Fonte: Ilustração do cabeçalho de uma página – *A Pilheria*. Recife. 1923, Ano 3, n. 087, p.05. Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.

2. **Sala 1.** Local composto por imagens fotográficas, denominado *Arquitetura*, em que estão distribuídas duas capas, que dividem a sala com duas citações (apêndices D e E). O espaço expõe apenas a classificação *Prédios* (figura 8, 9), nele as documentações nos trazem imagens arquitetônicas de edifícios.

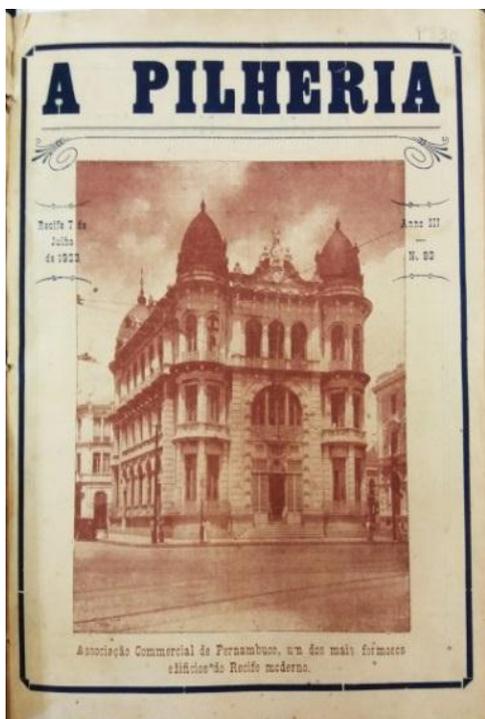


Figura 8
Título: Associação Commercial de Pernambuco, um dos mais formosos edifícios do Recife moderno
Fonte: Capas – *A Pilheria*, (1923 [ano 3, n. 093] 1924 [ano 5, n. 164]).
 Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.

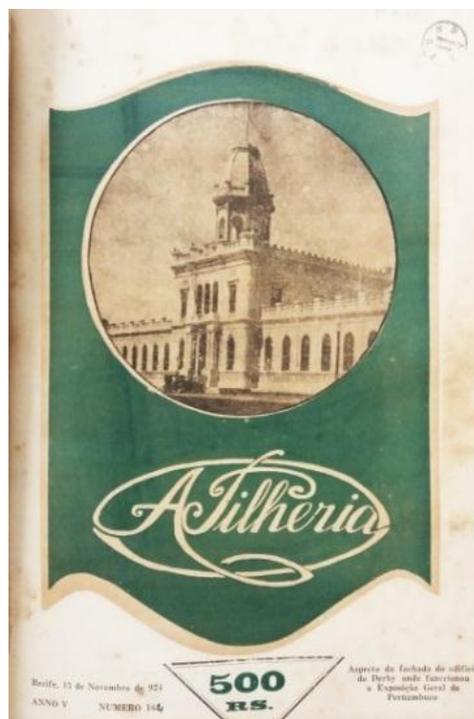


Figura 9
Título: Aspecto da fachada do edifício do Derby onde funcionou a Exposição Geral de Pernambuco.

3. **Sala 2.** Nesse ambiente nominado sala *Traços*, selecionamos para mostra imagens de desenhos e de charges registrados nas capas veiculadas. O recinto apresenta três classificações, são elas: *Temas Sociais* (figuras 10, 11), os assuntos expõem duas imagens referentes a questões sociais; *Festas Comemorativas* (figuras 12, 13, 14, 15, 16, 17), contendo seis imagens, nessas são explanadas tipos de festas do calendário nacional e internacional, as quais são: o Carnaval, o São João, o Natal, e o Ano Novo; e *Casais* (figuras 18, 19, 20, 21, 22, 23), esta classificação é representada em seis imagens, que abordam situações dos pares protagonizando nas capas, do *footing*, passando pela briga de casal — com vassouradas —, a diálogos entre homens e mulheres, que estão expostos na face do semanário. Além das imagens no local, em uma das paredes é exibida uma citação (apêndice F).



Figura 10
Título: A hora da palmatoria.
Fonte: Capas – *A Pilheria*, (1923 [ano 3, n. 086; n. 088]).
 Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.



Figura 11
Título: O kiosque da Tramvays.



Figura 12
Título: O melhor brinquedo...
Fonte: Capas – *A Pilheria*, (1925 [ano 6, n.222] 1926 [ano 7, n. 230]).
 Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.



Figura 13
Título: Passado o carnaval!...



Figura 14

Título: Não identificado.

Fonte: Capas – *A Pilheria*, (1926 [ano 7, n. 274] 1927 [ano 8, n. 275]).

Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.

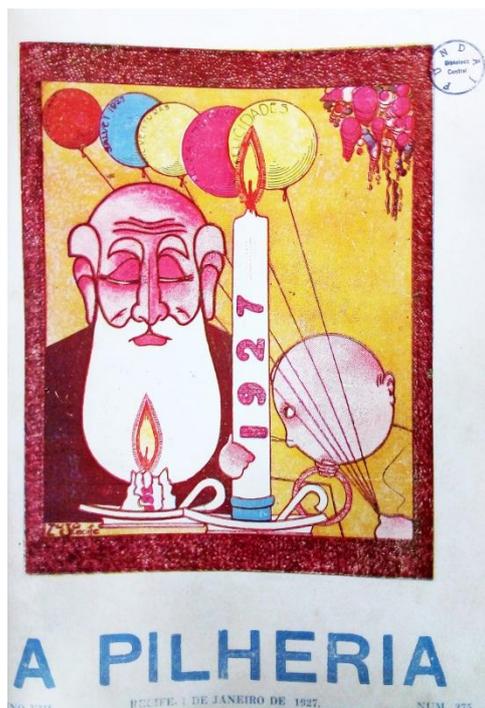


Figura 15

Título: Não identificado.

Fonte: Capas – *A Pilheria*, (1926 [ano 7, n. 274] 1927 [ano 8, n. 275]).

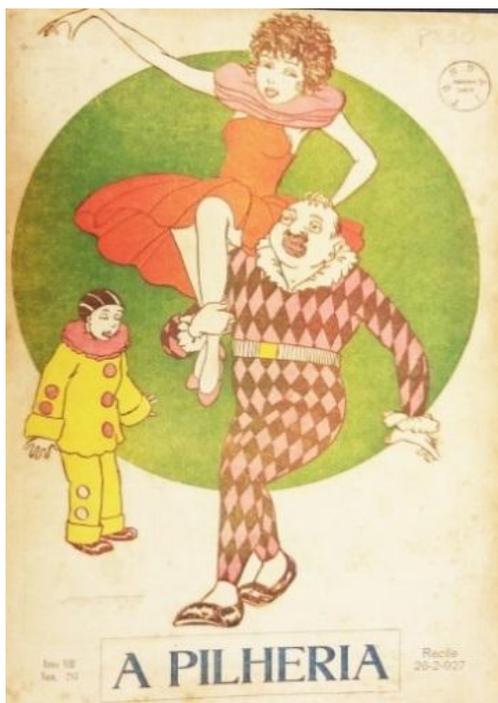


Figura 16

Título: Não identificado.

Fonte: Capa – *A Pilheria*, 1927 [ano 8, n. 283] 1929 [ano 9, n. 400]).

Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.



Figura 17

Título: Não identificado.

Fonte: Capa – *A Pilheria*, 1927 [ano 8, n. 283] 1929 [ano 9, n. 400]).

Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.

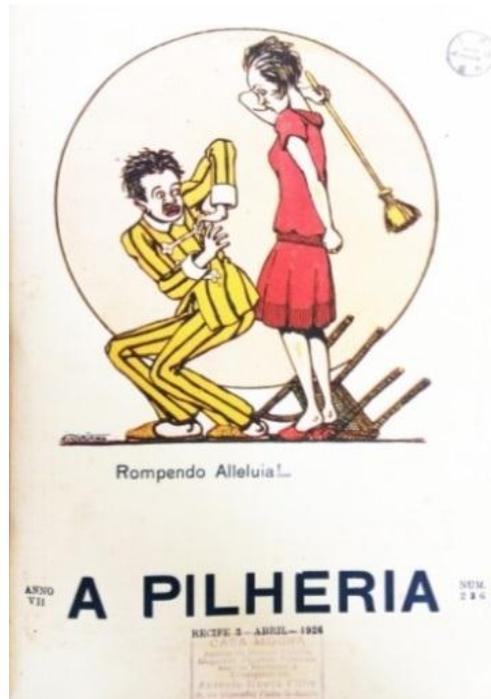


Figura 18

Título: Rompendo Alleluia!...

Fonte: Capas – *A Pilheria*, (1926 [ano 7, n. 236]).
Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.

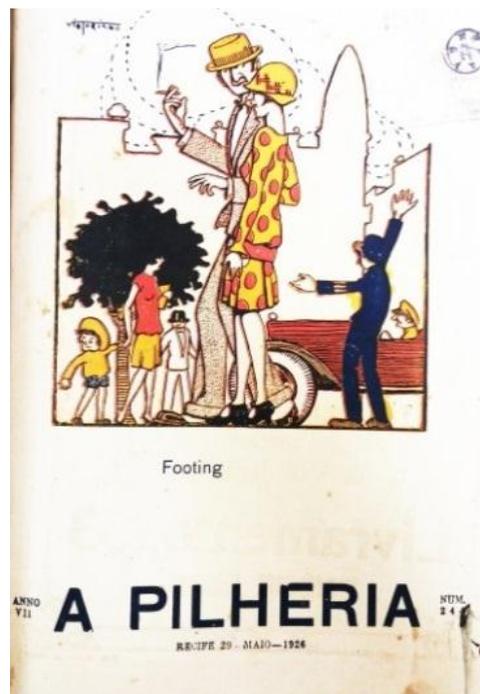


Figura 19

Título: Footing.

Fonte: Capas – *A Pilheria*, (1926 [ano 7, n. 244]).
Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.



Elegancia nova

A PILHERIA

ANNO VII

RECIFE, 19 DE JUNHO DE 1926

NUM. 247

Figura 20

Título: Elegancia nova.

Fonte: Capa – *A Pilheria*, (1926 [ano 7, n. 247]).
Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.



Figura 21
Título: Não identificado.
Fonte: Capa – *A Pilheria*, (1926 [ano 7, n. 265]).
 Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.



Figura 22
Título: Não identificado.
Fonte: Capas – *A Pilheria*, (ano 1926 [ano 7,; n. 269] 1927 [ano 8, n. 289]).
 Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.



Figura 23
Título: Jogo Proibido...

4. Sala 3. Nesse espaço, continuação da sala 2, encontram-se os traços dos artistas nos desenhos e nas charges. No ambiente estão distribuídas quatro classificações, em suas respectivas paredes, essas são: *Admiradores* (figuras 24, 25, 26, 27), nela são apresentadas quatro faces da revista *A Pilheria*, retratando o gênero masculino observando mulheres; e também caminhando atrás delas, em várias situações; *Pessoas Pretas* (figuras 28, 29, 30, 31, 32), aqui é abordada a questão de como a imagem da pessoa preta é representada no semanário, o material encontrado abrange cinco capas, em todas, os personagens pretos estão caricaturados, e em algumas capas são apresentados como subservientes; *Melindrosas* (figuras 33, 34, 35), tratam-se das imagens da representação social, em que as personagens publicadas são desenhadas. A classificação ocupa uma das paredes do ambiente com três quadros; e *Melindrosas e Almofadinhas* (figuras 36, 37, 38), nessa traz o registro de ambos, porém na condição de casal dividindo capas do magazine, em cenas documentadas através dos traços dos profissionais, neste caso são expostas na mostra três faces d'*A Pilheria*.

Não temos como objetivo abordar, as imagens das capas, do *corpus* selecionado, porém, cabe salientar que, na classificação *Pessoas Pretas* vale apenas fazer uma ressalva. É encontrada nas imagens registradas da capa referente à figura 30, uma criança branca com uma revista *A Pilheria* na mão direita e um brinquedo na mão esquerda, no centro de vários brinquedos. No entanto, um desses é uma boneca preta segurando uma bandeja, servindo a um casal de bonecos, este de cor branca, deitado em uma cama. O desenho da referida boneca representa como uma pessoa preta deve desempenhar/ocupar o seu papel na sociedade. A imagem evidencia o reforço de uma narrativa do racismo estruturado em uma propagação midiática.



Figura 24
Título: “Flirt”.
Fonte: Capas – *A Pilheria*, (1925 [ano 6, n. 213; n. 219]).
 Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.

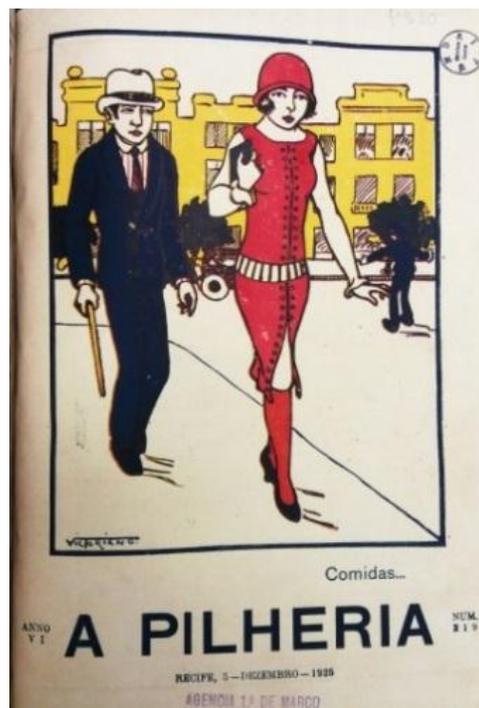


Figura 25
Título: Comidas...

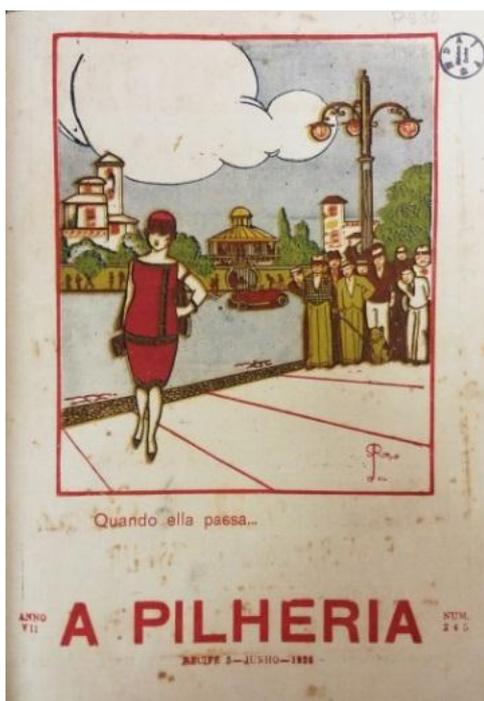


Figura 26
Título: Quando ella passa...
Fonte: Capas – *A Pilheria*, (1926 [ano 7, n. 245; n. 257]).
 Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.

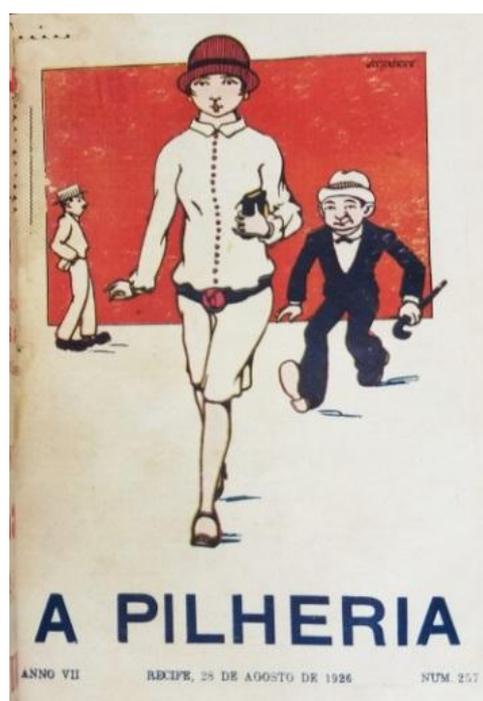


Figura 27
Título: Não identificado.



Figura 28

Título: Piléra!!

Fonte: Capas – *A Pilheria*, (1925 [ano 6, n. 209]).
Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.

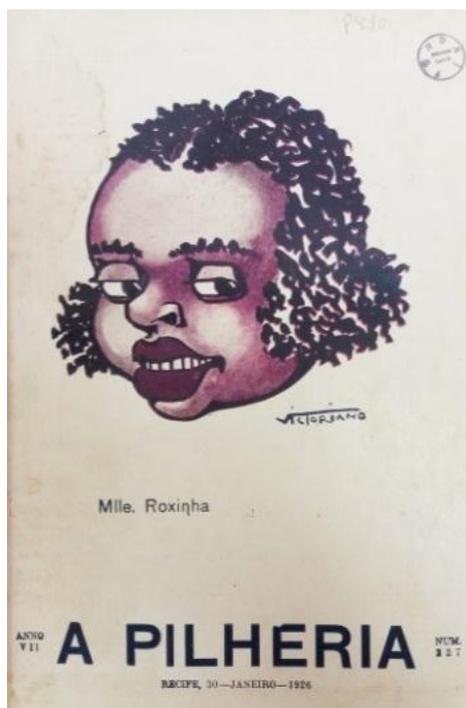


Figura 29

Título: Mlle. Roxinha.

Fonte: Capas – *A Pilheria*, (1926 [ano 7, n. 227]).
Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.



Figura 30

Título: Zizi! O'i a "Pieia".

Fonte: Capas - *A Pilheria*, (1926 [ano 7, n. 237]).
Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.

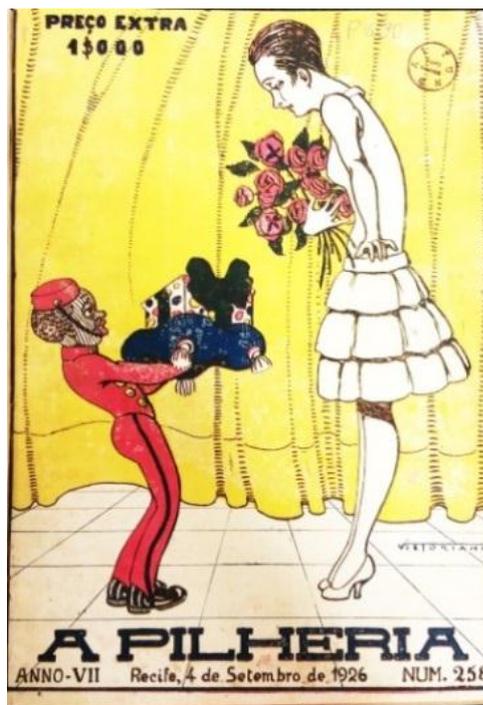


Figura 31

Título: Não identificado.

Fonte: Capas – *A Pilheria*, (1926 [ano 7, n. 258]).
Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.



Figura 32

Título: Não identificado.

Fonte: Capas – *A Pilheria*, (1927 [ano 8, n. 292]).
Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.

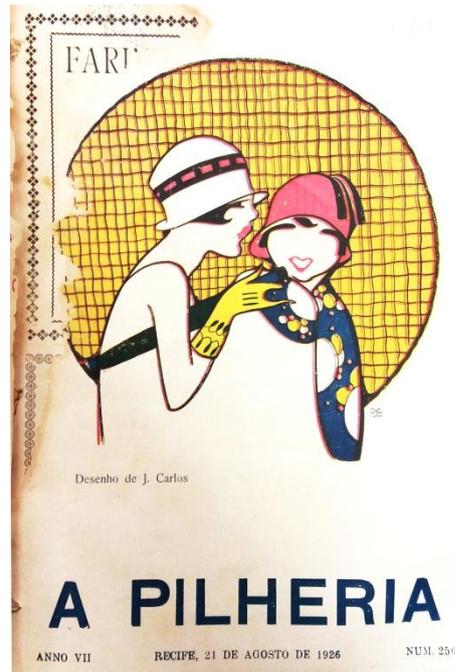


Figura 33
Título: Não identificado.
Fonte: Capas – *A Pilheria*, (1926 [ano 7, n. 256]).
 Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.



Figura 34
Título: Não identificado.
Fonte: Capas – *A Pilheria*, (1926 [ano 7, n. 262] 1927 [ano 8, n. 301]).
 Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.



Figura 35
Título: Não identificado.



Figura 36

Título: Não identificado.

Fonte: Capas – *A Pilheria*, (1926 [ano 7, n. 267]).
Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.

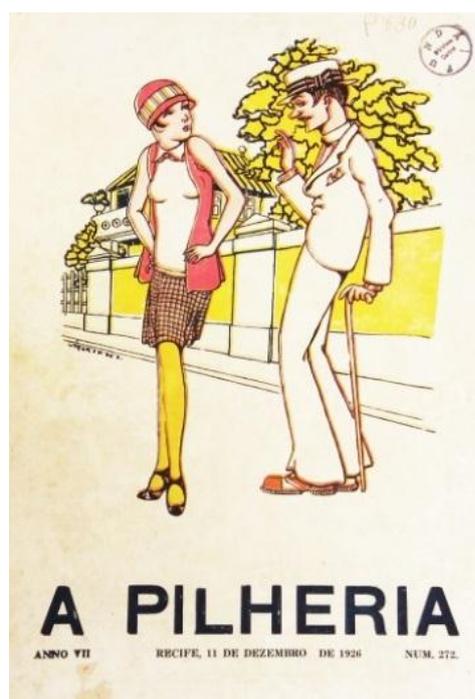


Figura 37

Título: Não identificado.

Fonte: Capas – *A Pilheria*, (1926 [ano 7, n. 272]).
Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.



Figura 38

Título: Não identificado.

Fonte: Capas – *A Pilheria*, (1927 [ano 8, n. 278]).
Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.

- 5) **Sala 4.** Última sala, intitulada *Retratos*, na qual expõe documentações imagéticas. Nela trabalhamos com os gêneros feminino e masculino, em faixas etárias diferenciadas, todos apresentados em retratos. Na ambiência também possui uma citação (apêndice G). São tratadas no local, as seguintes classificações: *Ellas* (figuras 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45), apresenta sete faces da revista *A Pilheria* em que constam retratos de mulheres, algumas são identificadas, outras não. Há capas em que a imagem fotográfica divide a diagramação com texto; *Elles* (figuras 46, 47, 48, 49), nessa classificação a presença masculina é representada na capa do magazine, são exibidas quatro produções imagéticas; e, *Crianças* (figuras 50, 51, 52, 53, 54, 55), o assunto nos mostra imagens de cinco meninas e de um menino, que estão expostas em uma das paredes da sala, totalizando seis retratos. O recinto ainda disponibiliza em uma das paredes um botão de acesso (apêndice H), que, ao ser clicado, leva o usuário a coleção da revista *A Pilheria* do acervo digital *on-line* da Fundaj.

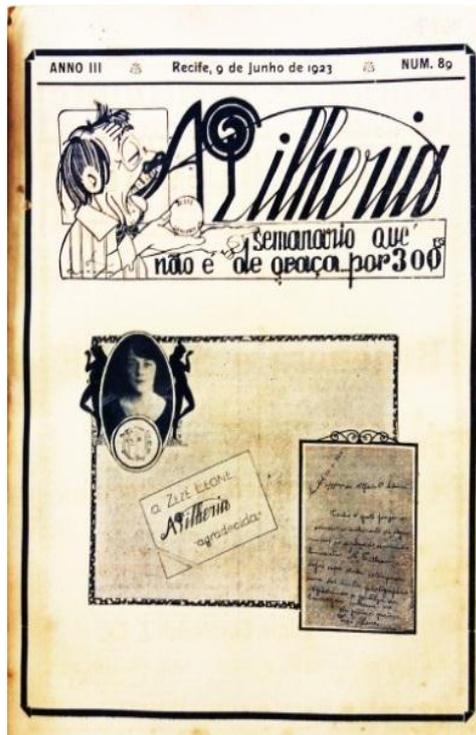


Figura 39
Título: Não identificado.
Fonte: Capas – *A Pilheria*, (1923 [ano 3, n. 089]).
 Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.

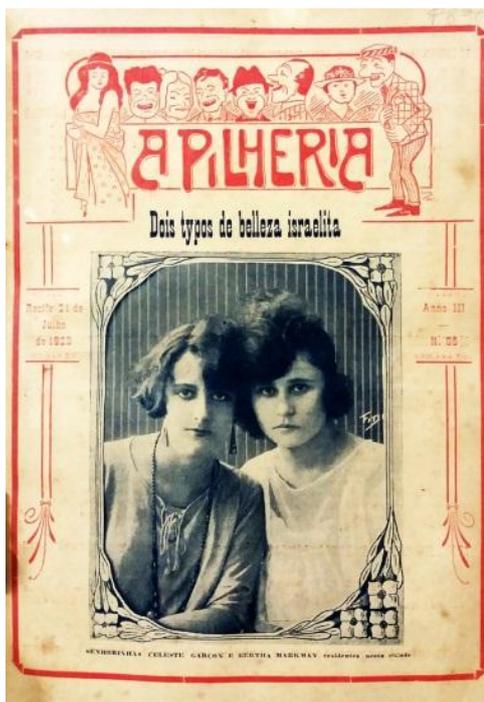


Figura 40
Título: Dois typos de beleza israelita.
Fonte: Capas – *A Pilheria*, (1923 [ano 3, n. 095; n. 098]).
 Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.

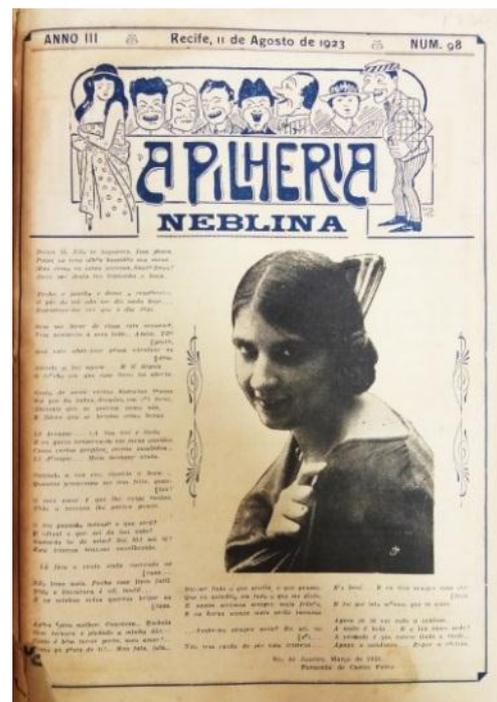


Figura 41
Título: Não identificado.



Figura 42

Título: Não identificado.

Fonte: Capas – *A Pilheria*, (1925 [ano 5, n. 194]).
Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.

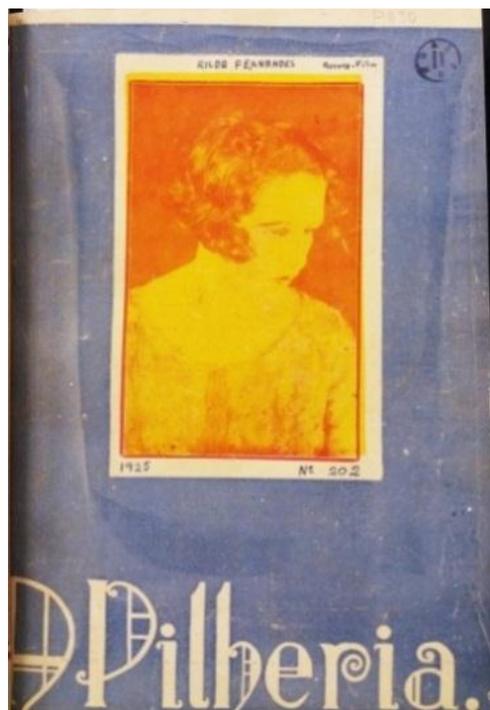


Figura 43

Título: Rilda Fernandes (atriz).

Fonte: Capas – *A Pilheria*, 1925 [ano 5, n. 202]).
Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.

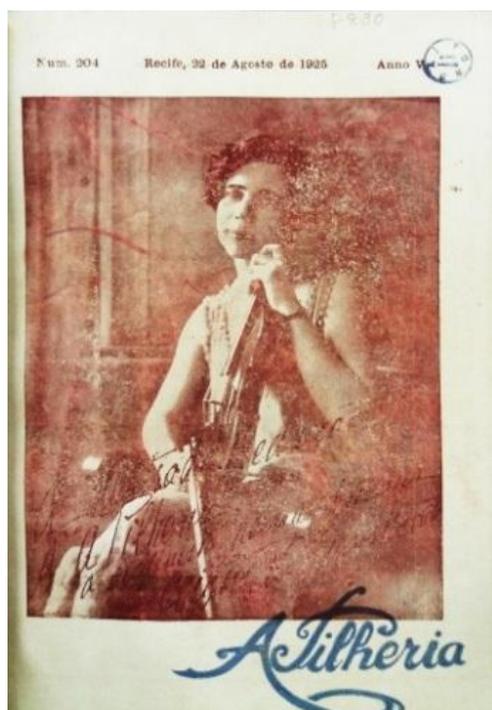


Figura 44

Título: Não identificado.

Fonte: Capas – *A Pilheria*, 1925 [ano 5, n. 204] 1928 [ano 9, n. 335]).
Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.



Figura 45

Título: Mlle. Wanda Coutinho, da nossa sociedade.

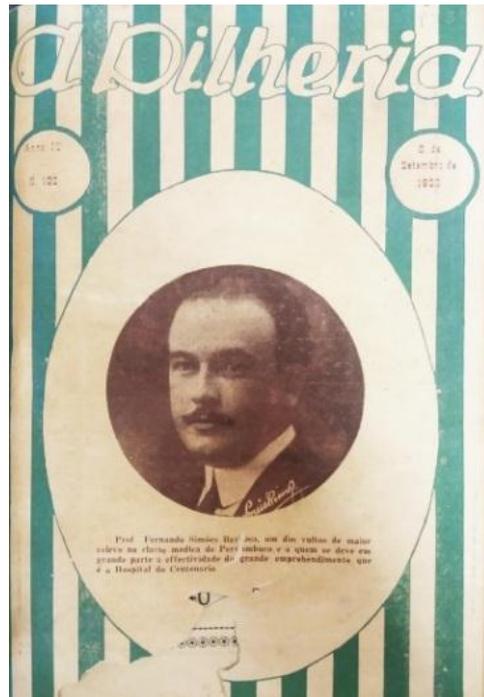


Figura 46

Título: Não identificado.

Fonte: Capas – *A Pilheria*, (1923 [ano 4, n. 102]).
Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.

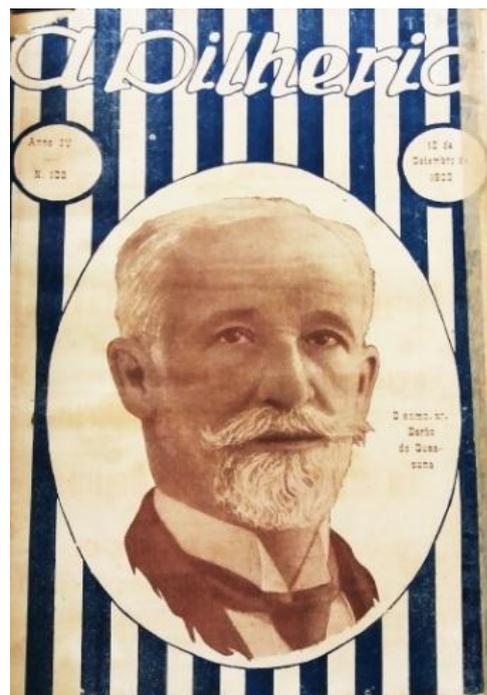


Figura 47

Título: O exmo. sr. Barão de Suassuna.

Fonte: Capas – *A Pilheria*, (1923 [ano 4, n. 103]).
Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.

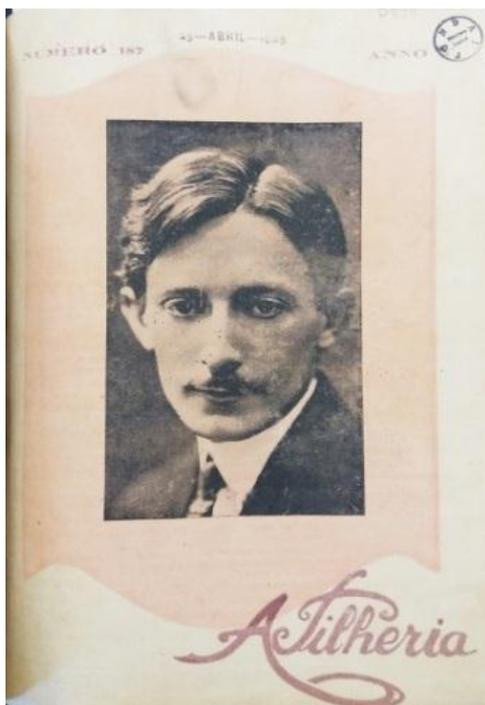


Figura 48

Título: Não identificado.

Fonte: Capas – *A Pilheria*, (1925 [ano 5, n. 187] 1927 [ano 8, n. 299]).

Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.

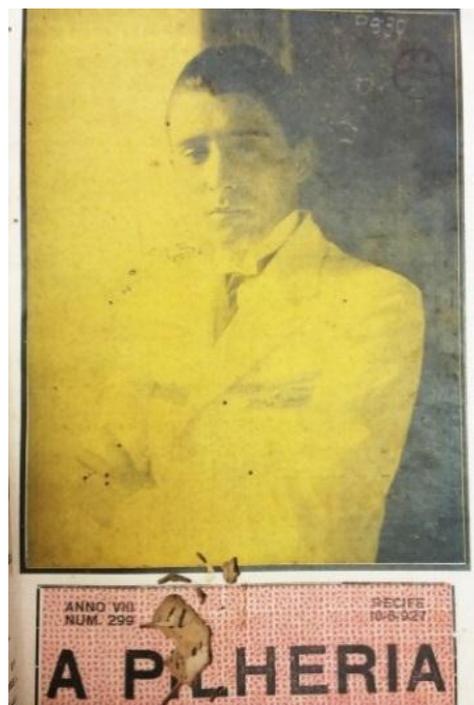


Figura 49

Título: Não identificado.

Fonte: Capas – *A Pilheria*, (1924 [ano 5, n. 159]).

Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.



Figura 50

Título: Não identificado.

Fonte: Capas – *A Pilheria*, (1924 [ano 5, n. 159]).

Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.



Figura 51

Título: Não identificado.

Fonte: Capas – *A Pilhéria*, (1925 [ano 5, n. 178]).
Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.



Figura 52
Título: Não identificado.
Fonte: Capas – *A Pilheria*, (1925 [ano 5, n. 184; n. 189]).
 Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.

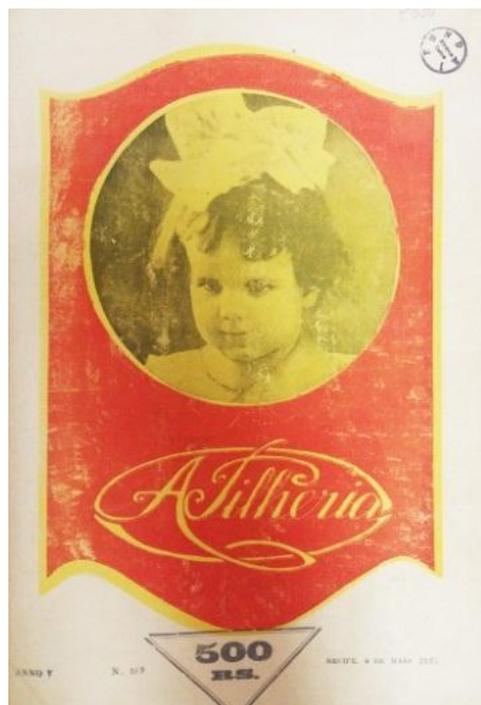


Figura 53
Título: Não identificado.



Figura 54
Título: Não identificado.



Figura 55
Título: Doris Tavares da Cunha — Classificada em 1.º lugar no concurso infantil do Diário da Tarde.

Fonte: Capas – *A Pilheria*, (1925 [ano 5, n. 190] 1930 [ano 10, n. 440]).
 Acervo Fundação Joaquim Nabuco/MEC.

5. APLICAÇÃO DO PRODUTO

No Brasil, há instituições que já trabalharam e outras até então permanecem com experiências e/ou com mostras: virtual *on-line*, 360°, 3D e RV. Dentre estas destacamos os seguintes museus: Museu de Arte do Campus Virtual 3D da UFPel do VGRID²², Museu Oscar Niemeyer (MON), Museu do Amanhã, Museu do Homem do Nordeste (Muhne), Museu Afrodigital e Museu da Abolição (MAB). Alguns desses propiciaram e outros ainda proporcionam ao público vivências e conhecimentos em ambientes virtuais digitais, através das artes visuais, de peças expositivas, de obras de artes, de textos explicativos, dos artistas participativos, e de trabalhos acadêmicos, por meio das tecnologias supracitadas.

Na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), localizada em Pelotas, no Rio Grande do Sul, encontra-se o Museu de Arte do Campus Virtual 3D da UFPel do VGRID, que expõe mostras que fazem parte do projeto de extensão *Exposições de Arte no Ambiente Virtual 3D do VGRID*²³, iniciado em agosto de 2017. Trata-se de 5 exposições, ofertadas à comunidade acadêmica da UFPel, exibidas em períodos distintos e sequenciados, apresentadas no decurso de 15 meses, são estas: *O universo naïf de Manoel Soares Magalhães; Poéticas fotográficas 1; Obras das coleções do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG); Poéticas fotográficas 2; e Lauer Alves Nunes dos Santos*. O museu integra o ambiente virtual (Campus Virtual), na plataforma V-Grid. O ambiente tridimensional foi gerado pelo projeto V-Grad — *Virtualidade aplicada à educação e Geração de ambientes interativos e colaborativos 3D para a formação em Arquitetura e Design* —, que utiliza o *software* OpenSimulator. O projeto supramencionado é de cunho acadêmico, e atua com uma equipe interdisciplinar que objetiva explorar as possibilidades educacionais, através dos potenciais que os mundos virtuais 3D propiciam. O meio de acesso para vivenciar essa experiência 3D é mediante a criação de uma conta no servidor público OSGRID²⁴.

O Museu Oscar Niemeyer²⁵, em Curitiba, Paraná, é outra instituição que trabalha com tecnologia tridimensional, este oferece em sua *home page*, uma visita virtual 3D no próprio prédio²⁶, em uma das suas páginas, que se inicia na área externa da instituição (logradouro e fachada) e se estende ao seu ambiente interno. O site também proporciona um passeio virtual 3D pela mostra *O Mundo Mágico dos Ninyos*²⁷. O MON disponibiliza exposição virtual por meio da plataforma Google Arts & Culture²⁸, nela encontram-se exposições *on-line*, contendo peças expostas, explicações. Entre elas é exibida a mostra *África, Mãe de Todos Nós*, e é apresentada em virtual 3D²⁹; assim como em imagens digital 2D³⁰.

Trazemos ainda, como referência, o Museu do Amanhã³¹, situado na cidade do Rio de Janeiro, cujo estado é homônimo, esse proporcionou uma experiência sensorial em realidade virtual intitulada *RePangeia*³² entre os meses de abril e julho de 2019, no qual, trabalhou-se com uma experiência tecnoxamânica, utilizando a tecnologia susodita.

Em Pernambuco, já existem alguns trabalhos desenvolvidos por instituições, relacionados com tecnologia 360° e com imagens tridimensionais. De modo que, no Recife, encontramos o Museu Afrodigital³³, do Laboratório de Estudos Contemporâneos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (LEC/PPGA/UFPE), em parceria com o Museu da Abolição³⁴, que, em 2017, levaram para o ambiente virtual a exposição *Repatriação Digital do Acervo Confiscado de Terreiros*³⁵, esta é apresentada em imagens fotográficas tridimensionais (360°/3D). Trata-se do registro de peças de terreiros localizados na capital pernambucana, objetos que nos anos de 1930 foram apreendidos pela polícia, tendo como motivo o acossamento às religiões de matriz africana e aos seus seguidores. Posteriormente, em 1938, o *corpus* das peças foi entregue à Missão de Pesquisas Folclóricas Mário de Andrade, por policiais do setor competente do caso, no período em que esta transitava pelo Recife. O trabalho conta com a parceria do Centro Cultural São Paulo (CCSP), instituição custodiadora dos objetos religiosos. A exposição se encontra, até o momento, acessível virtualmente no Museu Afrodigital.

Assim como, em outubro de 2019, num evento realizado no Museu Paraense Emílio Goeldi³⁶, logrado em Belém, Pará, foi apresentado o projeto itinerante *Muhne 360°*³⁷, que faz parte do Educativo do Museu do Homem do Nordeste (Muhne)³⁸, Campus Casa Forte da Fundaj, localizado em Recife, Pernambuco. Por meio do projeto, levou-se ao público, virtualmente, com tecnologia 360°, o Muhne e o Engenho Massangana, situado no Cabo de Santo Agostinho, Região Metropolitana do Recife, Pernambuco. Ressaltamos que, ambos são equipamentos culturais administrados pela Fundaj. No projeto, trabalhou-se com óculos para realidade virtual, cujo acesso à imersão foi através de imagens em 360°, e que foram reproduzidas na ferramenta tecnológica mencionada, proporcionando assim, ao usuário explorar e adquirir conhecimentos sobre os dois espaços.

Foi esse contexto, que nos serviu de referencial para criarmos, maturamos e aperfeiçoarmos nosso fabrico, o *App MeLinda*. Até o momento, nesse âmbito, desconhecemos a existência de um produto com a nossa proposta, este trata da primeira exposição em ambiente virtual 3D trabalhando ineditamente com alguns periódicos da coleção da revista *A Pilheria*, salvaguardada no acervo digital *on-line* da Fundaj, e um recorte de documentações

imagéticas do acervo da Biblioteca Central Blanche Knopf, essa também pertencente à instituição supracitada, trata-se das imagens registradas nas capas da revista *A Pilheria*, do *corpus* coletado, publicadas nos anos de 1920. O produto se desdobra em mais três fases, onde duas em RV e uma em versão virtual 3D com a inclusão do recurso de audiodescrição, as quais foram mencionadas e detalhadas no subitem 4.2. *Desdobramento do Produto*.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso produto, o *App MeLinda*, proporciona a participação de uma exposição com as capas da revista *A Pilheria*, no ambiente virtual 3D, o qual propicia ao público interagir. No entanto, o respectivo app não se encontra instalado em uma plataforma. Cabe frisar que, por esse fato, não temos como apontar algum resultado. Nada foi colocado em prática para que pudéssemos dar um laudo ou apenas uma resposta estatística, como a quantidade de aplicativos que foram baixados da plataforma hospedeira, nem tampouco proporcionamos um teste de utilização do *App MeLinda*, com voluntários, para avaliação da usabilidade do produto criado.

Consideramos que o nosso objeto de pesquisa, as imagens publicadas nas capas da revista *A Pilheria*, do *corpus* coletado, viabiliza condições de ser explorado em outros aspectos, dentro do mesmo recorte espacial e temporal, Recife nos anos de 1920. Ressaltamos que, poderia também ter sido produzido outras especificidades de produtos, com as imagens documentadas nas capas ou com as próprias capas do magazine em questão, para que viessem a contribuir com o resgate da memória coletiva da cidade do Recife, como por exemplo, um *e-book*, um catálogo, um livro, entre outros.

Ressalvamos que, independente do período histórico pode também se trabalhar com os mesmos objetivos que foram propostos no nosso estudo. Vale salientar que, cabe pesquisar novos temas dentro desse contexto para coletar e fornecer informações que ainda não foram levantadas. Sugerimos a utilização das revistas *Pra Você*, *Rua Nova*, *Revista da Cidade*, *Revista Renovação* e *Revista do Norte*, essas são encontradas no acervo digital *on-line* da Fundaj, ou periódicos de outros cabedais editados e publicados em Recife, que circularam nos anos de 1920, ou em outras décadas, do século XX, para que sejam investigados.

Testemunha de uma época, a revista *A Pilheria*, em seu ciclo de existência, como veículo de comunicação impresso, desempenhou o papel de espectadora, de presenciadora, de demonstradora, de declarante e de atestadora dos fatos ocorridos na sociedade recifense,

instrumentalizando não apenas seus textos propagados, mas também as suas imagens publicadas, incluindo os extratextos — reclame ou propaganda —, que relatam, narram, contam, denunciam, criticam, apresentam, discursam, dialogam, debocham, ironizam e satirizam. O magazine é um “repositório” de informações, onde se consultam e se extraem histórias contidas nas suas capas e nas suas seções. Nelas, retratou o processo de evolução de um período da capital pernambucana, que se encontra em um “lugar de memória” chamado revista *A Pilheria*.

7. LISTAGEM DOS ACERVOS, BIBLIOTECAS, MUSEUS E FONTES

Acervos de pesquisa, bibliotecas e museus

Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE (Recife)

Biblioteca Central – Universidade Católica de Pernambuco – Unicap (Recife)

Biblioteca Central Blanche Knopf – Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) (Recife)

Biblioteca do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco – CFCH/UFPE (Recife)

Biblioteca Joaquim Cardozo – Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco – CAC/UFPE (Recife)

Biblioteca José Antônio Gonçalves de Mello – Instituto Ricardo Brennand – IRB (Recife)

Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco – Setor de Obras Raras e Manuscritos (Recife)

Museu da Cidade do Recife – MCR (Recife)

Museu do Estado de Pernambuco (MEPE) – Centro de Documentação Cícero Dias (Recife)

Museu do Homem do Nordeste – Muhne (Recife)

On-line: acervos de pesquisa, bibliotecas e museus

Biblioteca Nacional Digital (BNDigital) – Fundação da Biblioteca Nacional (FBN): <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/jornal-do-recife/>

Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj): <https://www.fundaj.gov.br/>

Museu Afrodigital: <http://www.museuafrodigital.com.br/paginazero/>

Museu de Arte do Campus Virtual 3D da Universidade Federal de Pelotas – (UFPel) do VGRID: <https://institucional.ufpel.edu.br/>

Fontes

A Pilheria [P830 OR], 1923 [ano 3, n.086, p.1; n.087, p.5; n.088–089, p.1; n.093, p.1; n.095, p.1; n.098, p.1; ano 4, n.102–103, p.1] 1924 [ano 5, n.159, p.1; n.164, p.1] 1925 [ano 5, n.178, p.1; n.184, p.1; n.187, p.1; n.189–190, p.1; n.194, p.1; n.202, p.1; n.204, p.1; ano 6, n.209, p.1; n.213, p.1; n.219, p.1; n.222, p.1] 1926 [ano 7, n.227, p.1; n.230, p.1; n.236–237, p.1; n.244–245, p.1; n.247, p.1; n.256–258, p.1; n.262, p.1; n.265, p.1; n.267, p.1; n.269, p.1; n.272, p.1; n.274, p.1] 1927 [ano 8, n.275, p.1; n.278, p.1; n.283, p.1; n.289, p.1; n.292, p.1; n.299, p.1; n.301, p.1]; 1928 [ano 9, n.335, p.1] 1929 [ano 9, n.400, p.1] 1930 [ano 10, n.440, p.1].

8. NOTAS

¹ Link de acesso à página do acervo digital *online* da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) relacionado ao repositório da revista *A Pilheria*: <https://www.gov.br/fundaj/pt-br/composicao/dimeca-1/biblioteca/acervos/publicacoes-digitalizadas/a-pilheria>. Cabe ressaltar que, as páginas na *web*, sem exceção, referentes às repartições públicas federais, em meados de 2019, passaram por um processo migratório para o domínio gov.br, o qual sucedeu à criação do novo endereço eletrônico, supramencionado. Ressaltamos que, a primeira conexão com a página do repositório da revista *A Pilheria*, para a realização da presente pesquisa, foi disponibilizada por meio do endereço eletrônico <https://www.fundaj.gov.br/index.php/publicacoes-digitalizadas/9995-a-pilheria>, e acessado em 13 de outubro de 2015.

² Link de acesso do site da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj): <https://www.gov.br/fundaj/pt-br>. Ressaltamos que, o nosso primeiro contato com o site da Fundaj, para realizar a presente pesquisa, foi disponibilizado na *home page* <http://www.fundaj.gov.br>, e acessado em 13 de outubro de 2015.

³ Link de acesso atualizado da página *Publicações Digitalizadas* do acervo digital *online* da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj): <https://www.gov.br/fundaj/pt-br/composicao/dimeca-1/biblioteca/acervos/publicacoes-digitalizadas>. Primeiro acesso em: 13 out. 2015.

⁴ Nossa pesquisa não objetiva detectar falhas no arquivamento da documentação do repositório da revista *A Pilheria*, do acervo digital *on-line* da Fundaj. No entanto, somente a título de registro, identificamos uma falha. Trata-se da existência de um arquivo que hospeda dois documentos, exemplares de edições diferentes — escaneados e abrigados em um só arquivo (PDF) —, quando é para se ter um exemplar por arquivo. Nesse caso, constam as edições dos n^{os}. 422 e 419, publicadas no ano de 1929, em um único arquivo, que tem como dado de identificação de registro (número de edição do exemplar registrado na página do repositório) o n.422. Tornando-se assim a totalização 181 arquivos em vez de 180.

⁵ Valor da conversão de réis para real foi extraído do site do jornal *O Estado de São Paulo*. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/>. Acessado em: 23 ago. 2018.

⁶ O *Jornal do Recife* surgiu em 1^o de janeiro de 1859, de início sua instalação foi situada na Rua do Collegio, n^o 21, na Livraria Acadêmica, onde era sediado. Tinha como instituidor, primeiro proprietário e diretor-redator José de Vasconcellos. O referido jornal circulou no começo da sua trajetória, na condição de como seu próprio subtítulo propagava uma “Revista semanal” de “Sciencias-Letras-Artes”. Vale ressaltar que o periódico passou a substituir o *Jornal de Domingo*, este se encontrava fora de mercado editorial há pouco tempo. O valor de um exemplar, no ano acima, era comercializado pelo preço de \$200. No seu ciclo de existência, a revista trabalhou

com a Typographia Academia e a Typographia União. E só a partir de 29 de setembro de 1860, inicia a produção da impressão do magazine, através da Typographia do *Jornal do Recife*, esta de propriedade do periódico. O magazine torna-se oficialmente um jornal, em 1º de janeiro de 1862, passando a ter sua publicação diária e matutina, agregando o subtítulo “Diário commercial, agrícola, industrial, litterario e noticioso”. Este adere ao formato de tabloide. Em 1908, o periódico traz, por página, nove colunas de textos, além de atingir o formato de 72 cm de altura, constituindo assim, um dos maiores. É lançada pela empresa a edição vespertina, no ano de 1916, em 1º de abril, esta diferenciada da matutina. Em sua trajetória, o *Jornal do Recife* publicou variedades de conteúdos como: política, economia, artes, sociedade, ciências, charadas, poesias, artigos, prosas, fotografias, entre outras. Consta documentado que, no começo dos anos de 1920, o *Jornal do Recife*, já contava com uma sucursal no Rio de Janeiro, sob a direção de Luiz Mendes. Em 1921, no mês de junho, a assinatura trimestral custava 18\$000, a semestral era de 25\$000 e a anual equivalia 48\$000, os valores eram provenientes de um acordo velado entre os jornais de Recife. O periódico foi suspenso provisoriamente em meados de abril de 1935, em razão do falecimento de Luís Faria, ex-diretor, por determinação familiar. Nesse período, quem estava à frente da direção era seu filho Aprígio Faria, que assumira em 17 de outubro de 1934. O jornal retorna ao mercado editorial, em 25 de julho de 1937, publicando uma edição com 16 páginas, e dirigido por Antônio Faria. O *Jornal do Recife*, em 8 de janeiro de 1938, suspende, mais uma vez, suas atividades, porém a partir dessa data não retorna mais com suas publicações editoriais, nesse período Miguel Mateus respondia pela gerência. O motivo da interrupção foi mediante a crise econômica que o Brasil atravessava, e também paralelo a isso, a expropriação do imóvel, onde ficava a sede do jornal, reflexo do plano de remodelação de Recife, esta era instalada na Rua do Imperador Pedro II, nos nºs. 331 a 345. BRASIL, Bruno. *Jornal do Recife*. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/jornal-do-recife/>>.

⁷ São registros fotográficos, em que o sujeito não posa na execução do ato. Vale ressaltar que, na maioria das vezes, o personagem não se deu conta de que foi retratado. A existência das pequenas câmeras portáteis proporcionou o advento desse tipo de imagem. Existe a suposição de que o primeiro instantâneo surgiu em 1892. No ano de 1930 a *Weekly Graphic* mencionou, pela primeira vez, a expressão *candid photography* (fotografia espontânea). [tradução nossa] HACKING, Juliet [Editora geral]. *Tudo sobre fotografia*. [trad.] MORAIS, F.; ABREU, F.; KORYTOWSKI, I. Rio de Janeiro: Sextante, 2012, p. 555.

⁸ Pierre Nora (1984, p. 13), historiador, alega que, o sentimento é a base dos lugares de memória, estes nascem e vivem daquele. O autor evidencia a inexistência da memória espontânea, e declara que: “[...] é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais”. (NORA, 1984, p. 13). Quanto aos lugares de memória, Nora explica: “São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos”. (NORA, 1984, p. 21). Ainda dentro desse contexto, o autor faz as seguintes afirmações: tratando-se de um lugar com aspecto totalmente de cunho material, por exemplo, um depósito de arquivos; neste caso, apenas é considerado um lugar de memória se a imaginação o envolver através de uma atmosfera simbólica. Já num lugar especificamente funcional, como uma associação de antigos combatentes, um testamento, um manual de aula, tão-somente na condição de objeto de um ritual é que se agrega à categoria. No entanto, o autor aponta um exemplo máximo que se assemelha com significação simbólica, o qual é o um minuto de silêncio, este é simultaneamente o recorte material de uma unidade temporal e auxilia, para uma avocação compactada da lembrança, de tempos em tempos. (NORA, 1984, p. 21–22). Para maiores esclarecimentos, ler Nora, P., & Aun Khoury, T. Y. (2012). ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES. *Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História*, 10. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>

⁹ Link de acesso atualizado da página referente ao repositório da revista *Pra Você* do acervo digital online da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj): <<https://www.gov.br/fundaj/pt-br/composicao/dimeca-1/biblioteca/acervos/publicacoes-digitalizadas/pra-voce>>. Primeiro acesso em: 16 out. 2015.

¹⁰ Link de acesso atualizado da página referente ao repositório da revista *Rua Nova* do acervo digital online da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj): <<https://www.gov.br/fundaj/pt-br/composicao/dimeca-1/biblioteca/acervos/publicacoes-digitalizadas/rua-nova>>. Primeiro acesso em: 17 out. 2015.

¹¹ Link de acesso atualizado da página referente ao repositório da *Revista da Cidade* do acervo digital online da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj): <<https://www.gov.br/fundaj/pt-br/composicao/dimeca-1/biblioteca/acervos/publicacoes-digitalizadas/revista-da-cidade>>. Primeiro acesso em: 19 out. 2015.

¹² Link de acesso atualizado da página referente ao repositório da *Revista Renovação* do acervo digital online da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj): <<https://www.gov.br/fundaj/pt-br/composicao/dimeca-1/biblioteca/acervos/publicacoes-digitalizadas/revista-renovacao>>.

¹³ Link de acesso atualizado da página referente ao repositório da *Revista do Norte* do acervo digital online da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj): <<https://www.gov.br/fundaj/pt-br/composicao/dimeca-1/biblioteca/acervos/publicacoes-digitalizadas/revista-do-norte>>.

¹⁴ Link de acesso atualizado da página referente ao repositório do mensário cultural e jornal literário *Nordeste* do acervo digital online da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj): <<https://www.gov.br/fundaj/pt-br/composicao/dimeca-1/biblioteca/acervos/publicacoes-digitalizadas/nordeste>>.

¹⁵ Link de acesso atualizado da página referente ao repositório do livro *História da imprensa de Pernambuco e do Índice alfabético geral dos títulos de periódicos (1821–1954)* do acervo digital online da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj): <<https://www.gov.br/fundaj/pt-br/composicao/dimeca-1/biblioteca/acervos/publicacoes-digitalizadas/historia-da-imprensa-de-pernambuco-1>>. Primeiro acesso em: 30 jun. 2017.

¹⁶ Link de acesso atualizado da página referente ao repositório do *Dicionário de pseudônimos de jornalistas de Pernambuco* do acervo digital online da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj): <<https://www.gov.br/fundaj/pt-br/composicao/dimeca-1/biblioteca/acervos/publicacoes-digitalizadas/dicionario-de-pseudonimos-de-jornalistas-pernambucanos>>. Primeiro acesso em: 06 jul. 2017.

¹⁷ Link de acesso atualizado da página referente ao repositório do livro *Cozinheiro imperial* do acervo digital online da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj): <<https://www.gov.br/fundaj/pt-br/composicao/dimeca-1/biblioteca/acervos/publicacoes-digitalizadas/cozinheiro-imperial>>.

¹⁸ Link de acesso atualizado da página referente ao repositório do *Índice alfabético geral dos títulos de periódicos (1821–1954)* do livro *História da imprensa de Pernambuco* do acervo digital online da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj): <<https://www.gov.br/fundaj/pt-br/composicao/dimeca-1/biblioteca/acervos/publicacoes-digitalizadas/historia-da-imprensa-de-pernambuco>>. Primeiro acesso em: 30 jun. 2017.

¹⁹ Segundo Alcileide Nascimento e Alexandre Melo (2014, p. 16–17), historiadores, a palavra melindrosa traz parte da palavra “melindre”, esta sinônimo de “coisa frágil, delicada”; uma jovem afetada que se trajava de forma exorbitante. Tratava-se de moças elegantes, provindas das camadas médias, aquelas surgiram quase que concomitantemente nos diversos centros urbanos do Brasil. Elas se mostravam visualmente, bem produzidas, usavam o corte de cabelo *a la garçonne*, curto, finalizado nas orelhas e ainda composto pela nuca raspada. As melindrosas vestiam saias um pouco inferior ou acima dos joelhos. Traziam em suas faces uma produção de maquiagem pesada; o vermelho carmim era a cor que compunha a boca no formato de coração; também usavam as sobancelhas desenhadas e apresentavam as pernas depiladas. Elas utilizavam pequenos chapéus estilo *clochê*, e calçavam sapatilhas de amarrar. As melindrosas se davam ao direito de fumar, dirigir, dançar ritmos quentes e passeavam constantemente sem a companhia do irmão, ou do pai. Essas moças ainda deliberavam arriscar *flirts* seduzindo e fascinando os homens. Tratava-se de mulheres que apresentavam posturas comportamentais que constatavam a distinção do perfil do que se aguardava de uma moça tida como “comum”, dos anos de 1920. NASCIMENTO, A. C. do; MELO, A. V. da S. *Melindrosas em revista: gênero e sociabilidades do início do século XX (Recife, 1919–1929)*. *História Revista*, Goiânia, v 19, n. 3, p. 11–32, 2016. DOI: 10.5216/hr.v19i3.33409. Disponível em:<<https://revistas.ufg.br/historia/article/view/33409>>. Acessado em: 16 dez. 2018.

²⁰ De acordo com Larissa Pinheiro (2015, p. 223; 225), historiadora, os almofadinhas eram donos de uma vida dúbia, seu estereótipo constituía uma linha tênue entre homem e mulher, agregavam atributos entendidos como femininos — para os anos de 1920. Eles portavam delicadeza, fragilidade, meiguice e beleza, tinham aptidões por trabalhos gratiosos, e por utilizarem maquiagem, componentes imputados ao universo feminino — neste período do século —, contudo, concomitantemente, eram galanteadores, tipo de propriedade compreendida como masculina, visto que, frequentemente eram objetos de piadas, entretanto teria que ser impávido para ser um almofadinha. Além de serem considerados efeminizados, não tinham simpatia por trabalho; ao contrario de arcar com as responsabilidades financeiras da casa, na maioria das vezes eram bancados por outrem. E também se desfrutavam por meio de heranças, como mais uma opção de sustento. PINHEIRO, Larissa Brum Leite Gusmão.

Melindrosas e almofadinhas de J. Carlos: questões de gênero na revista Para Todos... (1922–1931). [Dissertação] Curitiba, Universidade Federal do Paraná (UFPR), 2015. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/39918>>. Acessado em: 19 jun. 2018.

²¹ A canção teve como primeiro interprete Mário Reis. MONTEIRO, Bianca Miucha Cruz. *Sinhô: a poesia do rei do samba*. Fluminense, 2010. Dissertação (Mestrado em História Social). Centro de Estudos Gerais. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História. Universidade Federal Fluminense – UFF. Disponível em: <<https://www.historia.uff.br/stricto/td/1422.pdf>>.

²² VGRID: Trata-se de um grid OpenSimulator. Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). *UFPeL tem um grid OpenSimulator, conjunto de mundos virtuais para uso em educação*. Informes acadêmicos. Disponível em: <<https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2017/07/21/ufpel-tem-grid-opensimulator-conjunto-de-mundos-virtuais-para-uso-em-educacao/>>. Acessado em: 09 jul. 2019.

²³ O projeto de extensão *Exposições de Arte no Ambiente Virtual 3D do VGRID*, do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (CA/UFPeL), é coordenado pela professora Juliana Correa Hermes Angeli, do CA/UFPeL. Cabe frisar que, o projeto supracitado possui vínculo com o Projeto de Pesquisa V-Grad, este coordenado pelo professor Carlos A. P. Campani, do Instituto de Física e Matemática (IFM/UFPeL). Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). *Projeto de extensão Exposições de Arte no Ambiente Virtual 3D do VGRID*. Projetos. Disponível em: <<https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/u858>>. Acessado em: 09 jul. 2019.

²⁴ *Link* de acesso que proporciona a criação de uma conta no servidor público OSGRID para poder teletransportar-se para dentro do ambiente virtual da UFPeL: <<https://www.slideshare.net/campani/manual-de-uso-para-o-osgrid>>. Acessado em: 09 jul. 2019.

²⁵ Site do Museu Oscar Niemeyer (MON): <<https://www.museuoscarniemeyer.org.br>>. Acessado em: 12 jul. 2019.

²⁶ *Link* de acesso a uma página do site do Museu Oscar Niemeyer (MON) referente à visita virtual 3D, na área externa (logradouro e fachada) e, no ambiente interno do prédio da instituição: <<https://ftp.museuoscarniemeyer.org.br/visite/visita-virtual-3D>>. Acessado em: 12 jul. 2019.

²⁷ O site do Museu Oscar Niemeyer (MON) disponibiliza a visita à exposição *O Mundo Mágicos dos Ninyos*, virtual 3D, viabilizada por meio do *link*: <<https://ftp.museuoscarniemeyer.org.br/exposicoes/exposicoes/ninyos>>. Acessado em: 12 jul. 2019.

²⁸ *Link* de acesso às exposições *online* proporcionadas pelo Museu Oscar Niemeyer (MON), que estão hospedadas na plataforma Google Arts & Culture: <<https://artsandculture.google.com/partner/museu-oscar-niemeyer?hl=pt-BR>>.

²⁹ O site do Museu Oscar Niemeyer (MON) propicia a visita à mostra *África, Mãe de Todos Nós*, virtual 3D através do *link*: <https://artsandculture.google.com/streetview/%C3%81frica-m%C3%A3e-de-todos-n%C3%B3s/pAEnZeeZxdECZA?hl=pt-BR&sv_lng=-49.26720413539687&sv_lat=-25.410040817341372&sv_h=130.47&sv_p=0&sv_pid=CAoSLEFGMVfpcE5rMkV2TnNXWWpqTEpxdjMyOWhpBW9lWXlvczdVcFpQbXRbCdcy&sv_z=1>. Acessado em: 12 jul. 2019.

³⁰ *Link* de acesso referente à visita a exposição *online* *África, Mãe de Todos Nós*, apresentada no site do Museu Oscar Niemeyer (MON), o qual disponibiliza a mostra em 2D e também oferece a exposição em um espaço tridimensional: <https://artsandculture.google.com/story/AAUBgD_GxFzxIw?hl=pt-BR>. Acessado em: 12 jul. 2019.

³¹ Site do Museu do Amanhã: <<https://museudoamanha.org.br/>>. Acessado em: 14 jul. 2019.

³² Para mais esclarecimentos referentes à *RePangeia*, uma experiência sensorial em Realidade Virtual, realizada pelo Museu do Amanhã, acessar o *link*: <<https://museudoamanha.org.br/pt-br/repangeia>>.

- ³³ Site do Museu Afrodigital: <<http://www.museuafrodigital.com.br/paginazero/>>. Acessado em: 28 jul. 2019.
- ³⁴ Site do Museu da Abolição: <<https://museudaabolicao.museus.gov.br/>>. Acessado em: 28 jul. 2019.
- ³⁵ Link de acesso relacionado à visita a exposição *Repatriação Digital do Acervo Confiscado de Terreiros*, trata-se de uma mostra tridimensional (360º/3D), exposta no Museu Afrodigital: <<http://www.museuafrodigital.com.br/repatriacaodigital/>>. Acessado em: 28 jul. 2019.
- ³⁶ Para maiores informações sobre o Museu Paraense Emílio Goeldi, acessar o link: <<https://www.museu-goeldi.br/assuntos/o-museu>>. Acessado em: 04 nov. 2019.
- ³⁷ A Fundaj disponibiliza em seu site uma página que aborda informações referentes ao projeto itinerante *Muhne 360º*, cujo acesso é realizado por meio do link: <<https://antigo.fundaj.gov.br/index.php/area-de-imprensa/11136-muhne-e-engenho-massangana-sao-mostrados-virtualmente-em-exposicao-no-para/>>. Acessado em: 04 nov. 2019.
- ³⁸ Informações referentes ao Museu do Homem do Nordeste (Muhne) são propiciadas no site da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), mediante uma página, acessível através do link: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=721>. Acessado em: 04 nov. 2019.

9. BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe; SÁ-SILVA, Jackson Ronie. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, ano 1, n.º. 1, jul. 2009. Universidade Federal do Rio Grande – FURG – Rio Grande-RS. ISSN: 2175–3423. Disponível em: <<https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/6/pdf>>. Acessado em: 14 jul. 2019.
- ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. *Arquivo Joaquim Nabuco: Memória do Mundo da Unesco 2008*. Fundação Joaquim Nabuco. 2ª ed.. Recife, 2010.
- BRASIL, Bruno. *Jornal do Recife*. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/jornal-do-recife/>>.
- BURKE, Peter. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- CUNHA, Neiva Vieira. Viagem, experiência e memória: narrativas de profissionais da saúde pública dos anos 30. *Vivência: Revista de Antropologia*, Memória, v1, n.º 28, p. 75–89. 2005. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) – Natal-RN. ISSN: 0104–3064. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/vivencia/issue/view/931/Edi%C3%A7%C3%A3o%2028>>. Acessado em: 13 out. 2016.
- DIONÍSIO, Ângela Paiva; VITORIANO, Monique Alves. O gênero capa de revista: descrição de seus aspectos sócio-interativos. Resumos da 62ª Reunião Anual da SBPC. *62ª Reunião Anual da SBPC – Ciências do Mar: herança para o futuro – Natal – Rio Grande do Norte – Universidade Federal do Rio Grande Norte (UFRN), Natal – RN – jul. 2010*. ISSN: 2176–1221. Disponível em: <<http://www.sbpcnet.org.br/livro/62ra/resumos/resumos/1518.htm>>. Acessado em: 17 mai. 2019.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. coor. e ampl. Lisboa: Portugal-Brasil Limitada, [1922?] 2 v.

GALINDO, Marcos. O Dilemma do Pharmacon. *Ciência da Informação*, v. 41, n. 1 abr. 2012. ISSN 1518-8353. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/download/1350/1529>>. Acessado em: 13 out. 2016.

GUIMARÃES NETO, Regina B.. *Cidades da mineração*. Memórias e práticas culturais (Mato Grosso na primeira metade do século XX). Cuiabá: EDUFMT, 2006.

HACKING, Juliet [Editora geral]. *Tudo sobre fotografia*. [trad.] MORAIS, F.; ABREU, F.; KORYTOWSKI, I. Rio de Janeiro: Sextante, 2012, p. 555.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *IBGE divulga resultados de estudo sobre cor e raça*. Agência IBGE Notícias. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14057-asi-ibge-divulga-resultados-de-estudo-sobre-cor-ou-raca>> e/ou <www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/caracteristicas_raciais/default_raciais.shtm>. Acessado em: set. 2019.

JOLY, Martine (1994). Introdução à análise da imagem. Lisboa. Ed. 70, 2007. – Digitalizado por SOUZA, R.. Disponível em: <<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=3095832&forceview=1>>.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & história*. 5ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

_____. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 3ª ed. São Paulo, Ateliê Editorial, 2002.

MARTINS, Ana Luiza. Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras. *História [online]*. 2003, vol. 22, n. 1, 2003, pp. 59–79. ISSN: 0101–9074. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). São Paulo, Brasil. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742003000100003>>. Acessado em: 23 jun. 2018.

MEDEIROS, Hugo Augusto Vasconcelos. *Amores de ontem; amores de outrora: emoções e gênero no Recife dos anos 1920–1930*. [Dissertação]. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7793/1/arquivo773_1.pdf>. Acessado em: 19 jun. 2018.

MELO, Alexandre Vieira da Silva. “Do flirt, do footing, da Rua Nova”: Melindrosas e almofadinhas no Recife da década de 1920. [Dissertação]. Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, 2015. Disponível em: <<http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/bitstream/tede2/8167/2/Alexandre%20Vieira%20da%20Silva%20Melo.pdf>>. Acessado em: 07 mai. 2018.

MONTEIRO, Bianca Miucha Cruz. *Sinhô: a poesia do rei do samba*. [Dissertação]. Niterói, Universidade Federal Fluminense (UFF), 2010. Disponível em: <<https://www.historia.uff.br/stricto/td/1422.pdf>>.

NASCIMENTO, A. C. do; MELO, A. V. da S. Melindrosas em revista: gênero e sociabilidades do início do século XX (Recife, 1919–1929). *História Revista*, Goiânia, v 19, n. 3, p. 11–32, 2016. DOI: 10.5216/hr.v19i3.33409. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/historia/article/view/33409>>. Acessado em: 16 dez. 2018.

NASCIMENTO, Luiz do. *História da imprensa de Pernambuco (1821–1954)*. Volume VIII. Periódicos do Recife – 1916–1930. Recife: Ed. Universitária. 1982. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=613&Itemid=460> Acessado em: 23 out. 2015.

NORA, P., & Aun Houry, T. Y. (2012). ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES. *Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História*, 10. Recuperado de <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>>.

PINHEIRO, Larissa Brum Leite Gusmão. *Melindrosas e almofadinhas de J. Carlos: questões de gênero na revista Para Todos... (1922–1931)*. [Dissertação] Curitiba, Universidade Federal do Paraná (UFPR), 2015. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/39918>>. Acessado em: 19 jun. 2018.

REZENDE, Antonio Paulo. *Apresentação*. In BARROS, Natália; REZENDE, Antonio Paulo; SILVA, Jaílson Pereira da; (Org.). *Os anos 1920: história de um tempo*. Recife: Universitária UFPE, 2012.

_____. *Desencantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – FUNDARPE, 1997.

ROSSI, Geraldo Abud. *O design gráfico da página na constituição da identidade visual das revistas impressas*. [Dissertação]. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2008. Disponível em: <<http://www.posdesign.ufsc.br/files/2012/05/dissGeraldo2007.pdf>>.

SANTOS, Eliana Cristina Pereira. *Imagético e discursivo: uma análise da capa da revista Nova Escola*. *Revista Linguagem*. 11. ed. São Carlos – São Paulo. nov./dez./2009. ISSN 1983–6988. Disponível em: <http://paginapessoal.ufpr.edu.br/marcelolima/Analise%20Revista%20Nova%20Escola.pdf/at_download/file>. Acessado em: 20 mar. 2019.

SILVA, Marcio de Assumpção Pereira da. *Memória e fotografia: um estudo sobre informação visual em São Carlos (SP)*. *Informação & Sociedade: Estudos*, v. 10, n. 1, 2000. Universidade Federal da Paraíba (UFPB)/Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA)/ Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) – João Pessoa – PB. ISSN: 1809–4783. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/2766>>. Acessado em: 03 ago. 2016.

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). *Projeto de extensão Exposições de Arte no Ambiente Virtual 3D do VGRID*. Projetos. Disponível em: <<https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/u858>>. Acessado em: 09 jul. 2019.

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). *UFPEL tem um grid OpenSimulador, conjunto de mundos virtuais para uso em educação*. Informes acadêmicos. Disponível em:

<<https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2017/07/21/ufpel-tem-grid-opensimulator-conjunto-de-mundos-virtuais-para-uso-em-educacao/>>. Acessado em: 09 jul. 2019.

Sites e portais da internet

Dicionário InFormal. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/sinonimos/pilh%C3%A9ria/>>. Acessado em: 17 jul. 2019.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acessado em: set. 2019.

G1 Portal de Notícias da Globo. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/o-que-fazer-no-rio-de-janeiro/noticia/2019/05/02/museu-do-amanha-recebe-exposicao-de-realidade-virtual-no-rio.ghtml>>. Acessado em: 10 jul. 2019.

Museu da Abolição. Disponível em: <<https://museudaabolicao.museus.gov.br/>>. Acessado em: 28 jul. 2019.

Museu do Amanhã. Disponível em: <<https://museudoamanha.org.br/pt-br/>>. Acessado em: 14 jul. 2019.

Museu Oscar Niemeyer. Disponível em: <<http://www.museoscarniemeyer.org.br/>>. Acessado em: 12 jul. 2019.

Museu Paraense Emílio Goeldi Disponível em: <<https://www.museu-goeldi.br/assuntos/o-museu>>. Acessado em: 04 nov. 2019.

Portal do Instituto Brasileiro de Museus. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/mab-recebe-premio-por-repatriacao-digital-do-acervo-afro-pernambucano/>>. Acessado em: 28 jul. 2019.

Universidade Federal de Pelópidas (UFPEL). Disponível em: <<https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/u858>>. Acessado em: 09 jul. 2019.

ANEXO



Biblioteca Pública do
Estado de Pernambuco

Relação dos fascículos do periódico "A Pilhéria"¹ (1921 a 1932)

Anos	Números	Publicações	Páginas	Observações
	1	03/09/1921	16	Folhas quebradiças
	2	10/09/1921	8	
	3	17/09/1921	20	
	4	24/09/1921	18	
	5	01/10/1921	20	
	6	08/10/1921	20	
	7	15/10/1921	20	
	8	22/10/1921	20	
	9	29/10/1921	20	
	10	05/11/1921	20	
	11	12/11/1921	20	
	12	19/11/1921	20	
	13	26/11/1921	20	
	14	03/12/1921	18	
	15	10/12/1921	20	
	16	17/12/1921	22	
	17	24/12/1921	24	
	18	31/12/1921	24	
Anno I 1921				
	19	07/01/1922	24	
	20	14/01/1922	24	
	21	21/01/1922	24	
	22	28/01/1922	24	
Anno II 1922				

¹ A coleção é composta de vários fascículos encadernados em 14 volumes e apresentam folhas bastante oxidada com o tempo dificultando a consulta podendo se perder parte do material com o manuseio inadequado.

	23	04/02/1922	24	
	24	11/02/1922	24	
	25	18/02/1922	24	
	26	25/02/1922	34	
	27	04/03/1922	20	
	28	11/03/1922	22	
	29	18/03/1922	20	
	30	25/03/1922	20	
	31	01/04/1922	20	
	32	08/04/1922	20	
	33	15/04/1922	22	
	34	22/04/1922	22	
	35	29/04/1922	24	
	36	06/05/1922	24	
	37	13/05/1922	22	
	38	20/05/1922	20	
	39	27/05/1922	22	
	40	10/06/1922	18	
	41	17/06/1922	20	
	42	23/06/1922	20	
	43	30/06/1922	18	
	44	08/07/1922	18	
	45	15/07/1922	18	
	46	22/07/1922	18	
	47	29/07/1922	18	
	48	05/08/1922	20	
	49	12/08/1922	20	
	50	19/08/1922	20	
	51	26/08/1922	20	
	52	07/09/1922	36	
	53	16/09/1922	20	
Anno II 1922				

111	10/11/1923	22
112	17/11/1923	22
113	24/11/1923	24
114	01/12/1923	22
115	08/12/1923	22
116	15/12/1923	24
117	22/12/1923	24
118	29/12/1923	24
119	05/01/1924	18
120	12/01/1924	20
121	19/01/1924	20
122	26/01/1924	26
123	02/02/1924	30
124	09/02/1924	30
125	16/02/1924	30
126	23/02/1924	30
127	02/05/1924	44
128	08/03/1924	28
129	15/03/1924	32
130	22/03/1924	32
131	29/03/1924	32
132	05/04/1924	32
133	12/04/1924	32
134	19/04/1924	32
135	26/04/1924	36
136	03/05/1924	32
137	10/05/1924	34
138	17/05/1924	28
139	25/05/1924	36
140	31/05/1924	36
141	07/06/1924	30

142	14/06/1924	32
143	21/06/1924	32
144	28/06/1924	52
145	05/07/1924	34
146	12/07/1924	32
147	19/07/1924	32
148	26/07/1924	32
149	02/08/1924	32
150	09/08/1924	32
151	16/08/1924	28
152	23/08/1924	28
153	30/08/1924	68
154	06/09/1924	54
155	13/09/1924	32
156	20/09/1924	24
157	27/09/1924	24
158	04/10/1924	32
159	11/10/1924	32
160	18/10/1924	40
161	25/10/1924	32
162	01/11/1924	32
163	08/11/1924	32
164	15/11/1924	44
165	22/11/1924	32
166	29/11/1924	28
167	06/12/1924	32
168	13/12/1924	32
169	20/12/1924	32
170	27/12/1924	26

**Anno V
1924**

O "anno" da revista foi impresso errado (Anno II)

171	03/01/1925	32	Folhas bastante danificadas	202	08/08/1925	36
172	10/01/1925	28		203	15/08/1925	36
173	17/01/1925	28		204	22/08/1925	36
174	24/01/1925	28		205	29/08/1925	94
175	31/01/1925	32		206	05/09/1925	38
176	07/02/1925	32		207	12/09/1925	34
177	14/02/1925	45		208	19/09/1925	34
178	21/02/1925	36		209	26/09/1925	34
179	28/02/1925	28		210	03/10/1925	34
180	07/03/1925	32		211	10/10/1925	36
181	14/03/1925	36		212	17/10/1925	36
182	21/03/1925	36		213	24/10/1925	36
183	28/03/1925	36		214	31/10/1925	34
184	04/04/1925	36		215	07/11/1925	30
185	11/04/1925	30		216	14/11/1925	32
186	18/04/1925	32		217	21/11/1925	32
187	25/04/1925	32		218	28/11/1925	32
188	02/05/1925	34		219	05/12/1925	30
189	09/05/1925	32		220	12/12/1925	32
190	16/05/1925	32		221	19/12/1925	28
191	23/05/1925	32		222	24/12/1925	60
192	30/05/1925	30				
193	06/06/1925	32		223	02/01/1926	32
194	13/06/1925	32		224	09/01/1926	32
195	20/06/1925	36		225	16/01/1926	32
196	27/06/1925	32		226	23/01/1926	32
				227	30/01/1926	32
				228	06/02/1926	32
				229	13/02/1926	44
				230	20/02/1926	32
				231	28/02/1926	32
				232	06/03/1926	32
Anno V 1925						
Anno VI 1925						
Anno VII 1926						
Anno V 1925						



233	13/03/1926	32	
234	20/03/1926	32	
235	27/03/1926	36	
236	03/04/1926	36	
237	10/04/1926	36	
238	17/04/1926	36	
239	24/04/1926	36	
240			Não temos esse número
241	08/05/1926	36	
242	15/05/1926	36	
243	22/05/1926	36	
244	29/05/1926	36	
245	05/06/1926	32	
246	12/06/1926	42	Encadernada depois da edição de 248
247	19/06/1926	44	
248	26/06/1926	44	
249			Não temos esse número
250	10/07/1926	42	Sem condições de manuseio.
251	17/07/1926	42	
252	24/07/1926	44	
253	31/07/1926	42	
254	07/08/1926	44	
255	14/08/1926	40	
256	21/08/1926	38	
257	28/08/1926	34	
258	04/09/1926	102	
259	11/09/1926	38	
260	18/09/1926	38	
261	25/09/1926	48	

262	02/10/1926	38	
263	09/10/1926	38	
264	16/10/1926	38	
265	23/10/1926	38	
266	30/10/1926	38	
267	06/11/1926	38	
268	13/11/1926	38	
269	20/11/1926	38	
270	27/11/1926	38	
271	04/12/1926	38	
272	11/12/1926	38	
273	18/12/1926	38	
274	25/12/1926	46	
275	01/01/1927	34	Sem condições de manuseio.
276	08/01/1927	38	
277	15/01/1927	38	
278	22/01/1927	40	
279	29/01/1927	38	
280	05/02/1927	40	Faltam páginas 13/14
281	12/02/1927	38	
282	19/02/1927	38	
283			Não temos esse número
284	05/03/1927	36	
285	12/03/1927	34	
286	19/03/1927	40	
287	26/03/1927	38	
288	02/04/1927	38	
289	08/04/1927	34	
290	16/04/1927	58	
291	23/04/1927	38	

Anno VIII
1927



292	30/04/1927	40	
293	07/05/1927	38	
294	14/05/1927	38	
295	21/05/1927	38	
296	28/05/1927	36	
297	04/06/1927	38	
298	11/06/1927	40	
299	18/06/1927	38	
300			Não temos esse número
301	02/07/1927	38	
302	09/07/1927	38	
303	16/07/1927	38	
304	23/07/1927	32	
305	30/07/1927	40	
306	06/08/1927	38	
307	13/08/1927	40	
308	20/08/1927	40	
309	27/08/1927	38	
310			Não temos esse número
311	10/09/1927	38	
312	17/09/1927	36	
313	24/09/1927	40	
314	01/10/1927	40	
315	08/10/1927	40	
316			Não temos esse número
317	22/10/1927	40	
318	29/10/1927	38	
319	05/11/1927	20	
320	12/11/1927	40	
321	19/11/1927	40	
322	26/11/1927	40	

323	03/12/1927	38	Sem a capa.
324	10/12/1927	36	
325	17/12/1927	38	
326	24/12/1927	40	
327	31/12/1927	38	
328	07/01/1928	38	
329	14/01/1928	40	
330	21/01/1928	38	
331	28/01/1928	38	
332	04/02/1928	38	
333	11/02/1928	38	
334	18/02/1928	56	
335	25/02/1928	36	
336	03/02/1928	38	
337	10/03/1928	38	
338	17/03/1928	34	
339		38	Não temos esse número
340	31/03/1928	38	
341	07/04/1928	38	Ordem da encadernação invertida com a número 341
342	14/04/1928	38	
343	21/04/1928	38	
344	28/04/1928	38	
345	05/05/1928	38	
346		38	Não temos esse número
347	19/05/1928	38	
348	26/05/1928	38	
349	02/06/1928	38	
350	09/06/1928	38	
351	16/06/1928	38	

Anno IX
1928

352	23/06/1928	38	
353			Não temos esse número
354	07/07/1928	36	
355	14/07/1928	40	
356	21/07/1928	40	
357	28/07/1928	38	
358	04/08/1928	38	
359	11/08/1928	38	
360	18/08/1928	34	
361			Não temos esse número
362	01/09/1928	40	
363	08/09/1928	40	
364	15/09/1928	38	
365			Não temos esse número
366	29/09/1928	38	
367	06/10/1928	32	
368	13/10/1928	38	
369	20/10/1928	38	
370	27/10/1928	40	
371	03/11/1928	38	
372	10/11/1928	38	
373	17/11/1928	38	
374	24/11/1928	38	
375			Não temos esse número
376	08/12/1929	34	
377			Não temos esse número
378			Não temos esse número
379			Não temos esse número
380	05/01/1929	36	
381	12/01/1929	36	
Anno X 1928			

382	19/01/1929	36	
383	26/01/1929	36	
384	02/03/1929	36	Registrada como Anno IX
385	09/03/1929	36	Registrada como Anno IX
386	16/03/1929	36	Registrada como Anno IX
387	23/03/1929	36	Registrada como Anno IX
388	30/03/1929	36	Registrada como Anno IX
389	06/04/1929	36	Registrada como Anno IX
390	13/04/1929	40	Registrada como Anno IX
391	20/04/1929	36	Registrada como Anno IX
392	27/04/1929	36	Registrada como Anno IX
393	04/05/1929	36	Registrada como Anno IX
394	11/05/1929	36	Registrada como Anno IX
395	18/05/1929	36	Registrada como Anno IX
396	25/05/1929	36	Registrada como Anno IX
397	01/06/1929	36	Registrada como Anno IX
398	08/06/1929	36	Registrada como Anno IX
399	15/06/1929	36	Registrada como Anno IX
400	22/06/1929	36	Registrada como Anno IX
401	29/06/1929	32	Registrada como Anno IX
402	06/07/1929	36	
403	13/07/1929	32	
404	20/07/1929	36	
405	27/07/1929	36	
406	03/08/1929	36	
407	10/08/1929	32	
408	17/08/1929	36	
409	24/08/1929	32	
410	31/08/1929	32	
Anno X 1929			
Anno X	06/09/1929	76	Edição de aniversário

1929	412	14/09/1929	32	
	413	21/09/1929	32	
	414	28/09/1929	32	
	415	05/10/1929	32	
	416	12/10/1929	32	
	417	19/10/1929	32	
	418	26/10/1929	36	
	419	02/11/1929	28	
	420	09/11/1929	32	
	421	16/11/1929	32	
	422	23/11/1929	32	
	423	30/11/1929	28	
	424	07/12/1929	32	
	425	14/12/1929	30	
	426	24/12/19	30	
	427	04/01/1930	20	Número incompleto
	428	18/01/1930	30	
	429	01/02/1930	30	Tem um folheto avulso
	430	15/02/1930	30	
	431	28/02/1930	34	
	432	15/03/1930	28	
	433	29/03/1930	26	
Anno X 1930	434	12/04/1930	28	Sem a capa. Tem um folheto avulso.
	435	26/04/1930	26	Folha encadernadas de cabeça para baixo.
	436	10/05/1930	28	
	437	24/05/1930	26	
	438	07/06/1930	24	
	439	21/06/1930	26	
	440	05/07/1930	26	

	441			Não temos esse número
	442	30/08/1930	58	
	443	13/09/1930	20	
	444	27/09/1930	22	
	445			Não temos esse número
	446	31/10/1930	22	
	447	15/11/1930	26	Registrada como Anno X
	448	29/11/1930	22	
	449	24/12/1930	36	Registrada como Anno X
	450	24/01/1931	24	
	451	14/02/1931	16	Sem a capa.
	452	28/02/1931	20	
	453	04/04/1931	52	
Anno XI 1931	454	02/05/1931	20	
	455	20/06/1931	36	
	456			Não temos esse número
	457	29/08/1931	40	
	458	19/12/1931	32	
Anno XI 1932	459	06/02/1932	34	Folheto avulso. Edição de Carnaval.
	460	19/03/1932	40	

Poliana do Nascimento Silva

Bibliotecária – Chefia Divisão de Coleções Especiais
(Obras Raras, Manuscritos, Mapoteca e Iconografia e Coleção Pernambucana)

APÊNDICE A – TEXTO CURATORIAL DA EXPOSIÇÃO

A Pilheria: em suas capas, páginas, traços e fotos

A realização desse estudo tem como fonte histórica as imagens registradas nas capas da revista *A Pilheria*, um semanário, editado e publicado no Recife, nosso recorte espacial. Trabalhamos, especificamente, com as edições circuladas na década de 1920, recorte temporal, do *corpus* selecionado. O magazine era produzido por uma parcela da elite intelectual, que residia em Pernambuco.

O periódico disseminava em seus fascículos informações de outros eixos estaduais, e de fora do país, porém em uma proporção bem menor, comunicando e atualizando os(as) seus(suas) leitores(as). A revista continha em suas páginas: política, moda, literatura, piada, esportes, vida social, concursos, crônicas, cultura, jogos, charges políticas, caricaturas, imagens fotográficas, artes, anúncios publicitários, historietas para crianças, entre outros conteúdos, esses difundidos de acordo com sua linha editorial. A identidade visual do magazine era variável, trata-se de uma revista humorística.

Políticos, aristocratas, pessoas públicas, mulheres e homens anônimos, melindrosas, almofadinhas e personagens fictícios foram traçados em desenhos, em charges, em caricaturas, e estão estampados nas capas que recheiam a revista *A Pilheria*. Assim como os retratos, as reportagens fotográficas e os instantâneos — flagrantes — apresentavam para a sociedade em geral, via o magazine, os registros de personalidades visitando e desfilando nos espaços públicos e privados. Além disso, dentro desse contexto contou-se com a participação dos estúdios fotográficos, que eram frequentados pela camada média urbana e também pela elite.

Testemunha de uma época, a revista *A Pilheria*, em seu ciclo de existência, como veículo de comunicação impresso desempenhou o papel de espectadora, de presenciadora, de demonstradora, de declarante e de atestadora dos acontecimentos ocorridos na sociedade recifense, instrumentalizando não apenas os seus textos propagados, mas também as suas imagens publicadas, juntos ou separados, que relatam, narram, contam, denunciam, criticam, apresentam, discursam, dialogam, debocham, ironizam e satirizam fatos e causos. O magazine é um “repositório” onde se consultam e se extraem histórias contidas nas suas capas e nas suas seções. Em ambas são documentadas uma ínfima parte do processo de evolução de um

período da capital pernambucana, que se encontra em um “lugar de memória” chamado *A Pilheria*.

Por fim, o periódico trata-se de um portal onde achamos o passado do cenário urbano da Cidade Maurícia, apresentado e representado nas páginas. A revista *A Pilheria* nos revela uma sociedade arraigada e vislumbrada ao desvendar o novo, desfrutando do que há de moderno, alguns cientes de que é uma nova era, e outros só vivenciavam e sentiam as consequências desse novo ciclo: os anos de 1920.

Silvania Maria
Pesquisadora e Curadora

APÊNDICE B – FICHA TÉCNICA DA EXPOSIÇÃO

INSTITUIÇÃO DE ENSINO

Universidade Católica de Pernambuco (Unicap)

CUSTODIADORA DOS ACERVOS PESQUISADOS

Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj)/MEC

ACERVOS PESQUISADOS

**Acervo digital *online* da Fundaj
Biblioteca Central Blanche Knopf**

CURSO

Mestrado Profissional em História

COORDENADOR DO CURSO

Prof. Dr. Tiago da Silva Cesar

ORIENTADOR

Prof. Dr. Juliano Mendonça Domingues da Silva

COORIENTADOR

Prof. Dr. Flávio José Gomes Cabral

OBJETO DE PESQUISA

As imagens das capas da Revista *A Pilheria*

EXPOGRAFIA

Silvania Maria

PESQUISA E ROTEIRO

Silvania Maria

CURADORIA

Silvania Maria

REDAÇÃO DE TEXTO

Silvania Maria

FOTOGRAFIA, EDIÇÃO E TRATAMENTO DE IMAGEM

Silvania Maria

MONTAGEM DO PROJETO

Silvania Maria

DESENVOLVEDOR DA APLICAÇÃO INTERATIVA

Hélder Marins

MANIPULAÇÃO DE IMAGEM

Claydson de Paula

REVISÃO DE TEXTO

Núbia Gondim

MÚSICA

Jura (compositor: José Barbosa da Silva (também identificado como Sinhô)) – 1928

FONTES

A Pilheria [P830 OR], 1923 [ano 3, n.086, p.1; n.087, p.5; n.088–089, p.1; n.093, p.1; n.095, p.1; n.098, p.1; ano 4, n.102–103, p.1] 1924 [ano 5, n.159, p.1; n.164, p.1] 1925 [ano 5, n.178, p.1; n.184, p.1; n.187, p.1; n.189–190, p.1; n.194, p.1; n.202, p.1; n.204, p.1; ano 6, n.209, p.1; n.213, p.1; n.219, p.1; n.222, p.1] 1926 [ano 7, n.227, p.1; n.230, p.1; n.236–237, p.1; n.244–245, p.1; n.247, p.1; n.256–258, p.1; n.262, p.1; n.265, p.1; n.267, p.1; n.269, p.1; n.272, p.1; n.274, p.1] 1927 [ano 8, n.275, p.1; n.278, p.1; n.283, p.1; n.289, p.1; n.292, p.1; n.299, p.1; n.301, p.1]; 1928 [ano 9, n.335, p.1] 1929 [ano 9, n.400, p.1] 1930 [ano 10, n.440, p.1].

BIBLIOGRAFIA

MARTINS, Ana Luiza. *Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras*. História [online]. 2003, vol. 22, n. 1, 2003, pp. 59-79. ISSN: 0101-9074. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). São Paulo, Brasil. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742003000100003>>. Acessado em: 23 jun. 2018.

NASCIMENTO, Luiz do. *História da imprensa de Pernambuco (1821–1954)*. Volume VIII. Periódicos do Recife – 1916-1930. Universidade Federal de Pernambuco. Editora Universitária. Recife. 1982. 397p. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=613&Itemid=460> Acessado em: 23 out. 2015.

REZENDE, Antonio Paulo. *Apresentação*. In BARROS, Natália; REZENDE, Antonio Paulo; SILVA, Jailson Pereira da; (Org.). *Os anos 1920: história de um tempo*. Recife: Universitária UFPE, 2012.

Site:

Dicionário InFormal. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/sinonimos/pilh%C3%A9ria/>>. Acessado em: 17 jul. 2019.

Instituições envolvidas:

Parceria:



APÊNDICE C – NOME DA REVISTA A PILHERIA

Revista

A Pilheria

APÊNDICE D – CITAÇÃO INDIRETA DE ANTÔNIO PAULO REZENDE

RECIFE

Na década dos anos 1920, a ânsia de desejo e o debate sobre o período eram travados na esfera da modernização do Recife. Nessa época, o marasmo de outrora lidava com indícios de rupturas. A Cidade Maurícia se modernizava derrubando o velho e levantando o novo. Projetos já esboçados — desde o começo do século XX — estavam de posse dos governantes. No decorrer daquela década, na capital pernambucana, foram traçadas pautas urbanísticas, que abordavam a otimização habitacional e a saúde, mas também discutia a limpeza do Recife e a propagação de invenções modernas. Convicções estas dialogadas igualmente pelos intelectuais, visto que uma grande parte deles era simpatizante do modernismo.

Antônio Paulo Rezende, *Os anos de 1920: histórias de um tempo*, 2012.

APÊNDICE E – CITAÇÃO DIRETA DE ANA LUIZA MARTINS

“

Texto, imagem, ilustrações, reclames e seções — em princípio, independentes de análise mais profunda —, evocam em seu conjunto, de imediato, o quadro histórico em que se pretende transitar. E criam, igualmente, o risco de leitura amena e ligeira, decorrente do mero folhear dessas publicações de época que acabam por envolver o leitor/historiador no tempo pretérito que busca reconstruir.

”

Ana Luiza Martins, *Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras*, 2003.

APÊNDICE F – TEXTO DA SALA 2, TRAÇOS

TRAÇOS

A produção imagética das capas concebidas por Victoriano, Zuzú, J. Carlos, Felix, Jota Ranulpho, Didier Filho, Riralto, Wladimir traziam em desenhos relações polissêmicas entre a linguagem visual e a verbal, ou não; pois, às vezes, só eram exibidas apenas ilustrações nas faces dos magazines. As imagens constituídas pelos profissionais relatavam — com humor ou com crítica —, situações do cotidiano, passando por criações referentes ao calendário de festividades culturais do Brasil, apresentavam também o comportamento sociocultural, assim como eram explanados assuntos do âmbito político, entre outras questões.

Silvania Maria

APÊNDICE G – TEXTO DA SALA 4, RETRATOS

RETRATOS

A imagem de uma pessoa estampada na capa da revista *A Pilheria* — ou qualquer outro magazine, da época — mostrava que se tratava de alguém que, no mínimo integrava a camada média urbana, seja da sociedade recifense ou não, aquela era projetada pelo periódico. O fato de ser vista dava-lhe a ascensão e demarcava ou reafirmava seu espaço e lugar na sociedade, etiquetada pela revista que, por sua vez, circulava no Recife e em outras cidades do território brasileiro.

Silvania Maria

APÊNDICE H – ANUNCIADO DO ACESSO AO REPOSITÓRIO DA *A PILHERIA*

Fundação Joaquim Nabuco/MEC

Repositório

A Pilheria

Acesso

